

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MARIA LUZIA DANTAS

**CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET
PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET
PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização, Lato Sentu, Formação Docente: Ensino Superior, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Educação no Ensino Superior.

Orientadora: Profª Dra. Sonia Aparecida Ignacio da Silva

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

BANCA EXAMINADORA

.

São Paulo, ----- outubro,2017

DEDICATÓRIA

Para meu pai e minha mãe

Vivos em mim.

AGRADECIMENTO

À Ir. Helena Gesser, pelo apoio dado.

À Professora Dra. Sonia Aparecida Ignacio da Silva, pela orientação segura serena e sábia.

Traduzir-se

Ferreira Gullar

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.
Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.
Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.
Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.
Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é estudar o pensamento do filósofo espanhol da primeira metade do século XX José Ortega y Gasset, em seu contexto sócio político cultural. Embora ele tivesse grande preocupação com a situação da Espanha, seu pensamento não se restringiu ao seu país. A América espanhola e o Brasil, por mais diferentes que pareçam, constituem distintas províncias de um mundo histórico e cultural comum: o mundo hispânico. A pesquisa para a realização desse trabalho foi teórico-bibliográfica, a partir da análise de alguns escritos de Ortega y Gasset, uma vez que sua bibliografia é muito ampla. Além disso, fundamentamos nossa reflexão também em seus comentadores, dentre eles especialmente Julián Marias e Ferrater Mora. Na Introdução apresentamos o delineamento da pesquisa. O primeiro capítulo procura mostrar a proposta de um novo modo de pensar segundo Ortega y Gasset, o contexto em que viveu e o fio condutor de seu pensamento. No segundo capítulo é discutido o seu conceito de vida como realidade radical – A constituição ontológica do ser humano, as categorias de vida, que muito se aproximam do pensamento de Martin Heidegger em **Ser e Tempo**. No pensamento orteguiano a verdadeira realidade radical é a do eu com as coisas, com a circunstância. Viver é resultado da relação entre o eu e a circunstância. A realidade radical, portanto, é a nossa vida. Assim, não há prioridade das coisas, como pensava o realismo, nem prioridade do eu sobre elas como argumentava o idealismo. O terceiro e último capítulo teve como objetivo refletir sobre a contribuição de Ortega para a Educação, tomando como referência relevante seu texto **A missão da Universidade**, no qual o filósofo tece considerações a respeito da situação da educação em seu país e apresenta propostas de mudança. Fazemos algumas considerações a respeito do caminho trilhado por Ortega y Gasset e do desafio deixado por ele para continuarmos a pensar a Educação.

Palavras-chave: Ortega y Gasset, Filosofia, Vida, Educação, Circunstância, Perspectivismo, Universidade.

ABSTRACT

This research aims to study the ideas of Spanish philosopher José Ortega y Gasset, in his socio-political cultural context. The approach was builded by theoretical-bibliographical methodology , since the analysis of some writings of Ortega y Gasset, until his commentators, among them especially Julián Marias and Ferrater Mora. In the Introduction we present the research design. The first chapter is focused on the proposal of a new way of thinking according to Ortega y Gasset, the context in which he lived and the guide line of his thought. In the second chapter is presented Ortega 's conceptualization of life as a radical reality - The ontological constitution of the human being, the categories of life, which are very close to Martin Heidegger's thought in Being and Time represented by the true radical reality formed by the self with the things, and circumstances. Living is the result of the relationship between self and circumstance. Thus, there is no priority of things, as realism thought, nor priority of the self over them as idealism argued. In the third and final chapter is discussed Ortega's contribution to education, taking as its relevant reference his text "The mission of the University", in which the philosopher makes considerations about the situation of education in his country and presents proposals for changing it e. There is some considerations about the path taken by Ortega y Gasset and the challenge left by him to continue to thinking about Education.

Keywords: Ortega y Gasset, Life, Education, University, Circumstance, Perspectivism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I – Conceito orteguiano de filosofia	
1.1 Proposta de um novo modo de pensar.....	14
1.2 Fio condutor do pensamento orteguiano.....	20
1.2.1 Conceito de objetivismo.....	20
1.2.2 Conceito de perspectivismo.....	22
1.2.3 Conceito de circunstancialismo.....	26
Capítulo II –Concepção de vida como realidade radical	
2.1 Ortega y Gasset e a questão da metafísica.....	32
2.2 Constituição ontológica do homem: várias possibilidades de fazer e de ser.....	36
2.2.1 Atributos da vida.....	37
2.3 A vida humana e sua dimensão relacional – Autenticidade e Alteração.....	43
Capítulo III- Ortega y Gasset educador	
3.1 Ortega y Gasset idealista-----	47
3.2 Ortega y Gasset vitalista ou Perspectivista.....	51
3.3 Pedagogia da maturidade e a missão da Universidade.....	53
Considerações Finais.....	58
Referências.....	63

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DA SÃO PAULO

MARIA LUZIA DANTAS

**CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DE ORTEGA y GASSET PARA A EDUCAÇÃO
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Formação Docente: Ensino Superior, COGEAE/PUC-SP, sob a orientação da Profa.Dra. Sonia Aparecida Ignácio da Silva.

São Paulo, 2017

INTRODUÇÃO

Na busca de um filósofo que se aproximasse mais de nosso modo de pensar, inserido em nossa área cultural me encontrei com Ortega y Gasset no livro *Meditações do Quixote* (1914). Decidimos, então, estudar seu pensamento e posteriormente investigar também sua contribuição para a Educação. Ele é um filósofo espanhol da primeira metade do século XX e seu pensamento não se restringe somente à Espanha continental, mas abrange todos os países de língua espanhola e portuguesa. A América espanhola e o Brasil, por mais diferentes que pareçam, constituem na verdade distintas províncias de um mundo histórico e cultural comum: o mundo hispânico ou ibérico.

A pesquisa para a realização desse trabalho foi teórico-bibliográfica, utilizando-se de alguns escritos de Ortega y Gasset, uma vez que sua bibliografia é muito ampla. Além disso, procuramos também alguns de seus comentadores como Julián Marias, Ferrater Mora e Sanchez. Inicialmente apresentaremos o contexto em que o filósofo madrilenho viveu e os traços de seu itinerário intelectual. Antes de Ortega, desde Suarez a Espanha não produzia filosofia própria e de alto nível.

Segundo J. Marias (1959, p. 424) a formação inicial de Ortega se deu com os neo-kantianos e o fato de ter passado alguns anos em Marburg lhe deu oportunidade de conhecer o idealismo. Logo se posicionou em relação a essa corrente filosófica e procurou superar todo subjetivismo e idealismo. Num processo de amadurecimento do pensamento, chegou ao seu sistema de metafísica segundo a razão vital. Essas ideias se tornaram uma crítica forte e decisiva ao idealismo. Ao se opor, reconhece alguns aspectos do idealismo que considera válidos, por exemplo, a afirmação de que não é possível saber das coisas mais do que se sabe quando estamos presentes nelas. Discorda, porém no que se refere à independência do sujeito, porque nós nunca nos encontramos sós, mas sempre com as coisas, fazendo algo com elas. Precisamos das coisas e elas de nós.

Ainda afirma Marias (2004), que em 1902 Ortega y Gasset iniciou sua atividade de escritor e com sua colaboração em jornais, revistas, livros, conferências e seu

trabalho editorial teve uma influência decisiva na vida espanhola. E já faz alguns decênios, que essa influência se estendeu de modo crescente para fora da Espanha. Em seu primeiro livro, **Meditações do Quixote** (1914), Ortega afirma que o indivíduo não pode se orientar no universo senão através de sua raça, porque vai incluído nela com a gota de água na nuvem peregrina. A preocupação com seu país dá vida a seu pensamento e perpassa toda sua obra.

Consideramos importante observar que Ortega nasceu no mesmo horizonte filosófico de Karl Jaspers, pois ambos são de 1883, seis anos antes de Heidegger e Gabriel Marcel (1889). Sartre é de 1905 e Merleau-Ponty de 1908. Podemos afirmar que de algum modo, todos têm em comum o mesmo substrato filosófico: o encontro do pensamento com a realidade começa no nível da vida humana que acontece no plano do cotidiano. Nesse período a filosofia apresenta uma nova postura, pois surgem questionamentos a respeito da perda de sentido em relação à distinção entre temas filosóficos e não filosóficos. Tudo pode ser objeto da filosofia. Na introdução de **Meditações do Quixote** (1914) Ortega adverte o leitor de que, com frequência nas **Meditações**, se encontrará com as coisas mais modestas, como pormenores da paisagem espanhola, o modo de conversar dos lavradores, cantos populares, o giro das danças, manifestações que revelam a intimidade de uma raça. Como filósofo contemporâneo, radicalizou o envolvimento do homem com o cotidiano. Para ele, participar do cotidiano tinha o significado de descobrir a heterogeneidade de cada momento, o drama de cada pessoa, o sentido de cada coisa, de cada fato.

Sabemos que hoje José Ortega y Gasset pode ser considerado um dos maiores intelectuais da Espanha. Nascido aos 9 de maio de 1883, em Madrid, Espanha, morreu em seu país, na mesma cidade, no dia 18 de outubro de 1955. Ele se destacou na vida intelectual como escritor, conferencista, e professor de filosofia. Sua reflexão parte sempre de um dado real que é a situação de seu país. O aspecto da circunstância é de fundamental importância em toda sua obra. Nele o fator espanhol e o fator universal aparecem unidos. Antes de Ortega, desde Suarez a Espanha não produzia filosofia própria e de alto nível.

O trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro refletimos sobre a proposta de um novo modo de pensar segundo Ortega y Gasset e veremos o contexto em que viveu e o fio condutor de seu pensamento. No segundo capítulo é discutido o seu conceito de vida como realidade radical – A constituição ontológica do ser

humano, as categorias de vida, que muito se aproximam do pensamento de Martin Heidegger em **Ser e Tempo**. No pensamento orteguiano a verdadeira realidade radical é a do eu com as coisas, com a circunstância. “Eu sou eu e minha circunstância”, escrevia já Ortega em seu primeiro livro, em 1914. Não se trata de dois elementos - o eu e as coisas. Ao trabalho do eu com as coisas é o que Ortega chama de vida. O que fazemos com as coisas é o viver. A realidade radical, portanto, é a nossa vida. Assim, não há prioridade das coisas, como pensava o realismo, nem prioridade do eu sobre elas como argumentava o idealismo. O terceiro e último capítulo tem como objetivo refletir sobre a contribuição de Ortega para a Educação, tomando como referência relevante seu texto **A missão da Universidade**, no qual o filósofo tece considerações a respeito da situação da educação em seu país e apresenta propostas de mudança.

No final procuramos tecer algumas considerações sobre sua proposta. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, mas esperamos que outros pesquisadores trilhem esse caminho e, a partir destas nossas reflexões, venham a fazer novas descobertas.

CAPÍTULO I

CONCEITO ORTEGUIANO DE FILOSOFIA

1.1 Proposta de um novo modo de pensar

“Meu Deus, o que é a Espanha? ”

Ortega y Gasset, J. *Meditações do Quixote*

Segundo Julian Marias,¹² em **Acerca de Ortega** (1991), José Ortega y Gasset pode ser considerado um dos maiores intelectuais da Espanha. Nascido aos 9 de maio de 1883 em Madrid, Espanha, morreu em seu país, na mesma cidade, no dia 18 de outubro de 1955. Na mesma obra, informa que em dezembro de 1902 numa revista madrilenha *Vida Nueva*, Ortega y Gasset publicou o primeiro artigo intitulado **Glosas**, posteriormente publicado nas Obras completas. Oito anos mais tarde Ortega y Gasset se tornou professor de Metafísica da Universidade de Madrid. Sua reflexão filosófica parte sempre de um dado real que é a situação de seu país. O aspecto da circunstância passa a ser de fundamental importância em toda obra orteguiana. Marias, procura apresentar a situação da vida intelectual espanhola no tempo de Ortega y Gasset, ou seja, sua circunstância, sublinhando que quando Ortega y Gasset

¹ Francisco Suarez (1548-1617) jesuíta, filósofo, jurista espanhol. Foi um dos principais expoentes da Escola de Salamanca e considerado um dos maiores escolásticos após Tomás de Aquino.

²Filósofo espanhol, considerado o maior discípulo de Ortega y Gasset.(Valladolid,1914 + Madrid 2005) Doutor em Filosofia pela Universidade de Madrid. Foi fundador com Ortega y Gasset, do Instituto de Humanidades. Publicou vários livros a respeito da filosofia orteguiana.

se destacou na vida intelectual, como escritor e como professor de filosofia, a Espanha se encontrava, bastante ausente da reflexão filosófica.

Segundo Marias, em **Ortega, Circunstancia y vocación** (1984) ao final do século XVIII, os espanhóis cultos e conhecedores da Europa conheciam bem a situação da Espanha: com dificuldades econômicas, políticas, sociais, educativas e passiva em relação ao que se fazia nos países mais prósperos, com tendência maior para a imitação do que para a criação original. Nos séculos XVII a XIX, ocorreram grandes descobertas e mudanças na vida europeia. A Ilustração pode ser considerada o fio condutor dessas mudanças. Nesse período o homem supervalorizou a razão, alimentou o sonho de conquista de uma nova etapa para a humanidade, com o progresso, a ciência, a técnica. No entanto, a Espanha se manteve bastante ausente desse processo. Importa considerar este aspecto da circunstância espanhola necessitada de um autêntico vigor intelectual, para melhor compreender os caminhos trilhados por Ortega y Gasset (1911, p.458), que em **Una Respuesta a una pregunta** faz uma abordagem da situação da Espanha, apontando para as possíveis causas da decadência. Na mesma obra faz alusão aos krausistas, uma das correntes filosóficas introduzida na Espanha quando seu fundador Christián Krause já desaparecera da Alemanha e seu pensamento não teve repercussão nem em seu país.

Julián Sanz del Río³ influenciado pelo krausismo tentou suscitar um novo alento na vida intelectual da Espanha. Valverde (1999, p. 7) em *Apontamentos sobre o krausismo espanhol e notas acerca da filosofia de Krause, inclusive suas ramificações no Brasil*, atenta para o fato de Krause ser lembrado pelos espanhóis ainda no século XX. Seu pensamento pode ser encontrado disseminado em Manuais de Filosofia como: **Fundamentos de Filosofia - Lições Preliminares de Manuel Garcia Morente**, usado na Espanha e mesmo no Brasil. Mas somente alguns estudos de História da Educação fazem abordagem da filosofia de Krause. Muitos textos da análise e crítica da educação e cultura hispânicas do século passado, apontam para a hegemonia intelectual dos krausistas.

A partir de 1857/1858 formou-se uma militância composta basicamente de professores universitários. (MORILLAS, 1956, p. 15). Este grupo de intelectuais

³ Filósofo e jurista espanhol (1847-1869) Estudou em Heidelberg, Alemanha onde entrou em contato com o krausismo. Procurou difundi-lo entre seus discípulos em Madri.

contribuiu para o surgimento de um liberalismo com pretensões dogmáticas e científicas. No entanto, torna-se importante considerar este fato compondo um quadro mais abrangente: o processo de secularização da Espanha que pode ser considerado um período muito difícil, pois a cultura espanhola, durante muito tempo, foi identificada com o catolicismo, até o ponto de ser considerada antiespanhola qualquer corrente ideológica que tendesse a questionar a posição da Igreja. Nesse contexto o krausismo foi introduzido na Espanha.

Valverde, cita alguns estudiosos do assunto, como Morillas (1956, p. 15) que considera a bagagem filosófica de Sanz del Rio antes de sua viagem à Prússia, como matéria de conjectura. Tinha pouco conhecimento dos idealistas alemães pós-kantianos. Quando começou a se tornar um expositor rigoroso da doutrina de Krause, o que Sanz del Rio, sabia sobre ela era apenas fruto da leitura do Curso de Direito Natural do jurista alemão Heinrich Ahrens, (1837), com quem esteve em seu tour filosófico pela Europa. Aquele manual continha um sistema de filosofia do direito inspirado na doutrina krausista. Segundo comentadores alemães, afirma Valverde, o pensamento de Krause só se tornou *krausismus*, ou seja, doutrina, depois que foi assimilada pelos espanhóis.

Ao introduzir a filosofia doutrinária de Krause na Espanha, Sanz del Rio não conseguiu melhorar a situação cultural de seu país. As barreiras intelectuais que separavam seu país do restante da Europa, com o transplante ideológico persistiram. Importante considerar que a Inquisição, a Contra-Reforma, também fizeram parte da configuração cultural espanhola. Segundo Julián Marías, quando Ortega y Gasset se encontrou com o krausismo este não existia mais, como escola filosófica.

Nesse contexto intelectual, Ortega y Gasset, atuou desde cedo, de modo diferente de outros pensadores, pois procurou encontrar as raízes do problema cultural espanhol, e decidiu não importar simplesmente ideias de outros países, sem fazer um estudo crítico. Procurou mostrar, sobretudo com seu trabalho, a necessidade de começar a abrir novos caminhos, sendo 'europeizante' sem levar para a Espanha, pensamentos, costumes, técnicas estrangeiras, que não condiziam com sua realidade. Desde seus primeiros escritos, fechou as portas à imitação, caminho seguido pela geração intelectual europeia desde Miguel de Unamuno. Para atingir seu objetivo, Ortega y Gasset decidiu voltar-se sobre sua circunstância e se lançar no trabalho de criar uma filosofia espanhola.

Diante disso, Marias (1991,p.14)Pergunta onde estava seu europeísmo, uma vez que sua proposta era a europeização da Espanha como tarefa urgente. Pareceu-lhe que nosso pensador estava voltando as costas para a Europa ao propor uma filosofia espanhola. Diante desta questão procuramos ter maior clareza a respeito do que Ortega y Gasset entende por europeísmo, europeização. Segundo Marias, Ortega y Gasset costumava afirmar que a Europa não era o ‘estrangeiro’. Assim como existia a vida e cultura europeias - a francesa, a alemã, a inglesa, poderia haver outra distinta, porém como elas, também europeia: a espanhola. Desejava uma interpretação espanhola do mundo, necessária para a Europa e desse modo poderia haver uma juventude espanhola purificada de exotismo e imitação. O seu objetivo talvez possa explicar o fato de sua não participação no grupo internacional de intelectuais desde a sua juventude. Descobriu que sua vocação era outra: deveria partir do compromisso com seu povo, partir de sua circunstância e contribuir para uma mudança da situação cultural de seu país.

Em **Asamblea para el progreso de las ciencias**,(1908) publicada nas **Obras Completas**, Ortega y Gasset (2012, p. 184) questiona a visão que seu país tinha do desenvolvimento da Europa e aponta para a existência de um erro de perspectiva. Revela a necessidade de se perguntar como os outros países da Europa chegaram ao patamar em que se encontram e auxilia a refletir sobre isso afirmando que a diferença existente entre a Europa não estava no fato de seu desenvolvimento industrial, mas sim na falta de consciência histórica: “Esto somos.Raza que há perdido la conciencia de su continuidad histórica, raza sonâmbula y espúrea, que anda delante de si sin saber de donde viene ni a donde va”. (ORTEGA y GASSET, 2012 p.188).⁴Aponta para a necessidade de haver na Espanha um grupo forte de intelectuais para influenciar o povo de modo amplo, para tentar reverter essa situação.

Nesse período era ainda grande a escassez de traduções na Espanha. Ortega y Gasset começou a contribuir para mudar a situação. Em 1902 iniciou sua atividade de escrita, com colaboração em periódicos, livros, conferências e trabalho editorial. Por inspiração sua foi traduzida na Espanha em 1928, a *Filosofia de História Universal* de Hegel; em 1929 *Investigações Lógicas* de Husserl; em 1923 fundou a

Traduzindo:⁴ Somos uma Raça que perdeu a consciência de sua continuidade histórica, raça sonâmbula e espúria que anda sem saber de onde veio nem para onde vai.

Revista do Occidente. Com ação ininterrupta procurou manter os leitores de língua espanhola informados acerca de todas as questões intelectuais e, em 1933, tornou Dilthey conhecido, a partir de um nível ainda não superado.

Como consequência de sua ação filosófica, houve o florescimento da Escola de Madrid – a que estão vinculados nomes como Maria Zambrano, Garcia Morente, Fernando Vela, José Gaos, José Ferrater Mora e Julian Marias. Ortega y Gasset como importante intelectual de sua época promoveu uma nova compreensão de política e filosofia na Espanha e, por conseguinte, na Europa. Iniciou seu livro **Meditações do Quixote** (1914) procurando esclarecer o leitor a respeito dos temas que abordaria direta ou indiretamente relacionados com a Espanha. Julián Marías adverte em sua obra **História da Filosofia**, que o pensamento orteguiano não se reduz à circunstância espanhola, ao contrário, contagia toda a Europa e provoca um debate em torno da política e da filosofia. Ortega y Gasset criou uma terminologia e um estilo filosófico em espanhol, que não existia. A sua técnica - inversa a de Heidegger, por exemplo, consiste em fugir, em geral, aos neologismos e restituir às expressões usuais do idioma, profundamente vividas, inclusive aos modismos, o seu sentido mais autêntico e original, cheio muitas vezes de significação filosófica.

Em seus escritos percebe-se como Ortega y Gasset foi um intelectual comprometido com seu contexto histórico sócio-político-cultural. Viveu em um período marcado por duas Guerras Mundiais. Basta lembrar a Revolução Russa, em 1917; a ascensão do Fascismo na Itália, o Nacional Socialismo na Alemanha. Em 1936 teve início a Guerra Civil Espanhola, que se prolongou até 1939, quando Francisco Franco ocupou o poder, e muitos intelectuais, deixaram o país, como afirmam alguns de seus estudiosos (MEDINA, 2003 p. 135). Em meio a todas as adversidades, desde jovem, nunca deixou de se preocupar com a situação cultural de seu país e procurou abrir as portas para novas correntes de novos pensamentos. Em 1902 concluiu a Licenciatura em Filosofia e Letras na Universidade de Madrid, em 1904 doutorou-se com uma tese **Os terrores do ano mil.(Crítica de uma lenda)**. Seus estudos universitários ocorreram em um período difícil pois em 1898, a Espanha enfrentou um desastre econômico e militar, sendo que na guerra com os Estados Unidos perdeu Cuba e outras colônias.

Em 1905 viajou para a Alemanha. Estudou nas Universidades de Leipzig, Berlim e Marburgo. Nesta última, considerada filosoficamente a mais importante da

Alemanha daquela época, foi discípulo do grande neokantiano Herman Cohen. Desde 1910 foi catedrático de Metafísica da Universidade de Madri, até 1936, quando começou a Guerra Civil Espanhola e ele se exilou. A partir desta data residiu segundo Dominguez (2002) na França, Portugal, Alemanha e Argentina. Com o fim da II Guerra Mundial, em 1945, Ortega y Gasset retornou para a Espanha. Segundo Dominguez (1946, p. 37) pronunciou um ciclo de conferências no Ateneo de Madrid e no mesmo ano começou a publicar as **Obras Completas**. Em 1948 junto com um grupo de colaboradores do qual fazia parte Julián Marias fundou o Instituto de Humanidades onde voltou a exercer o magistério fora do espaço universitário, e a convite, manteve um debate filosófico com Martin Heidegger, em Baden Baden, sobre o homem e a linguagem.

Na abordagem do tema em estudo, ou seja, a filosofia orteguiana, entre seus estudiosos encontra-se José Ferrater Mora (1963), que aponta alguns aspectos do desenvolvimento do pensamento orteguiano. Este afirma que Ortega y Gasset apresenta uma diversidade de interesses intelectuais o que poderia dificultar seu estudo. Esta dificuldade, no entanto, pode ser superada uma vez que Ortega y Gasset procurou ser fiel a um gênero literário – o Ensaio. Além disso, sempre revelou grande preocupação com a clareza do pensamento.

Nas **Obras Completas**, encontram-se estudos filosóficos, artigos de crítica pictórica e literária, ensaios e discursos políticos, descrições de paisagens, interpretações históricas e sociológicas. Isso exige atenção para que se possa perceber os fios da obra e a harmonia do quadro desenhado por ele. É possível afirmar que Ortega y Gasset foi um filósofo sistemático. Sua grande preocupação foi ser um pensador fiel a seu tempo, no qual já não tinha sentido um sistema filosófico do tipo de filósofos anteriores. Buscava mudanças, renovação, novo modo de pensar, para poder dar um salto cultural qualitativo e responder às mudanças que sua realidade exigia. Afirma Mora: (1963, p. 17):

Dou pois por assentado que, não obstante a diversidade dos temas tratados nela, apesar de sua complexidade e do grande número de “alusões e elisões” que contém, a obra de Ortega é fundamentalmente filosófica, de modo que todos os seus elementos se acham organizados em torno de um núcleo de supostos legitimamente pertencentes à ordem da filosofia.

1.2 Fio Condutor de Pensamento Orteguiano

1.2.1 Conceito de Objetivismo

A observação atenta aos caminhos, a variedade, as datas, a unicidade dos escritos de Ortega y Gasset ajudam a perceber o fio condutor de seu pensamento. Ferrater Mora e outros estudiosos tentam destacar alguns dos passos, presentes na elaboração do seu pensamento sem preocupação estritamente cronológica, pois este vai se fazendo de modo dinâmico, como que em círculos e exige uma compreensão da realidade em que se desenvolveu.

O objetivismo é um dos aspectos a destacar no pensamento de Ortega y Gasset, presente nas obras escritas nos anos de 1902 – 1913 período em que estudou na Alemanha. Procurou introduzir o rigor intelectual na Espanha, uma vez que esta precisava segundo seu modo de pensar, abrir-se para a Europa, com o objetivo de encontrar seu próprio caminho. Em vários escritos desse período, Mora (1963, p. 32) afirma: “Não são poucas as passagens escritas durante esses anos no quais quis imprimir novo ânimo de seus leitores – sobretudo de seus leitores jovens[...]”

Como já foi afirmado anteriormente, suas reflexões giram em torno do tema da Espanha e de sua decadência, preocupação herdada dos krausistas e da geração de 98, pois segundo Mora (1963), Ortega y Gasset não foi o primeiro espanhol que foi estudar na Alemanha, a fim de respirar uma atmosfera filosófica. Ele, porém, se diferenciou agindo de outro modo, pois era outra sua visão da problemática espanhola. Do neokantismo mais que o conteúdo doutrinal, assimilou o espírito de sua filosofia, pois o considerou necessário para o futuro da Espanha. Sua grande preocupação sempre foi o destino de seu país, o pensamento filosófico, por isso quando voltou da Alemanha se propôs a mudar a situação cultural do mesmo.

De acordo com a filosofia neokantiana, se posicionou contra o subjetivo e o individual e valorizou o exercício da razão, vinculada ao objetivo, ao universal e à ciência. De acordo com seu modo de ver e analisar, a situação de seu país estava muito vinculada à posição da Igreja, ao subjetivismo e ao personalismo que

dificultavam a entrada da Espanha na modernidade. Considerava necessário olhar a Europa, principalmente a Alemanha, não para copiar ou repetir suas formas de pensar, mas para fazer surgir em seu contexto um pensamento próprio, espanhol. Desde a juventude Ortega y Gasset mostrou desconfiança em relação a qualquer inclusão da razão pura na vida. Por isso, declarou muitas vezes, para ser melhor compreendido que a razão e a vida estão ligadas, ou seja, existe uma interdependência entre ambas.

Desde seus primeiros passos, estão presentes traços de sua formação filosófica referidos em várias obras: a filosofia grega, o pensamento cartesiano, e filosofia alemã neokantiana de Marburgo. Sofreu influência também de autores como Nietzsche e Dilthey. Segundo Mora (1963, p. 33): “Várias razões explicam a adoção por Ortega de política intelectual de base fortemente objetivista. Entre elas destaca a rebelião contra a atmosfera quase freneticamente personalista que parece invadir com frequência, a vida espanhola.” Essa era a visão de Ortega y Gasset a respeito do tema, quando terminou seus estudos na Alemanha e mergulhou na filosofia neokantiana. Diferentemente de outros pensadores espanhóis, Ortega y Gasset preferiu o caminho epistemológico e difundiu o kantismo como rigor filosófico.

Participou da polêmica entre “hispanizantes” e “europeizantes” e seguiu sendo sempre “europeizante”, segundo Mora (1963), pois para ele isso não significava importar costumes e técnicas estrangeiras, como já foi afirmado. Não se deixou ofuscar, pelo brilho da revolução industrial e, por esse motivo, não acreditou que a simples introdução de técnicas europeias-ocidentais, contribuíssem para minimizar os problemas da cultura espanhola. Acolheu-as, mas percebeu a necessidade de algo mais fundamental que as técnicas: a educação, a cultura, a ciência.

Nesse período, vários artigos e ensaios foram publicados em diferentes periódicos de cunho literário como **Vida Nueva**, **La lectura** e **Europa**. Vários escritores espanhóis dos séculos XIX e XX publicavam seus artigos na imprensa diária. Ortega y Gasset, contudo, se fez muito presente, e se destacou, pois sempre teve uma vinculação muito forte com a imprensa e nela divulgou sua literatura filosófica, que posteriormente foi publicada nas **Obras Completas**. Um exemplo disso são os artigos de ordem epistemológica como o título: **Que é conhecimento?** Obra que corresponde a conteúdo das aulas ministradas na Universidade de Madri.

Outro exemplo da afirmação anterior é **A Rebelião das Massas** que, inicialmente, foi conhecido pelo público em forma de artigos jornalísticos, publicados a partir de 1926 e somente mais tarde se transformou em livro. Na perspectiva de Mora (1963) e Marias (2000), Ortega y Gasset adotou os meios de comunicação, aparentemente demasiado ‘públicos’, devido à situação em que se encontrava a Espanha quando começou a escrever. Havia ainda muita indigência intelectual. Procurou injetar algo que julgou necessário para a cultura hispânica naquele momento: a reflexão.

1.2.2 Conceito de Perspectivismo

O livro **Meditações do Quixote**, publicado em 1914, pode ser considerado outro momento importante do pensamento orteguiano, nomeado por Mora (1963) de perspectivismo. Em **Acerca de Ortega**, Marias (2000) diz que este livro foi publicado treze anos antes de **Ser e Tempo** de Martin Heidegger, e já apresenta alguns conceitos próximos aos de Heidegger em sua filosofia.

Yo soy yo y mi circunstancia, que puede valer como mínima expresión del núcleo de la filosofía de Ortega. Ahora bien, una frase filosófica aislada no tiene su plena significación. Solo en su contexto se logra su verdadero alcance; es menester ver, por tanto, qué quería decir Ortega con esas palabras. Se há dicho que es una afirmación de pasada, incidental, sin propósito de establecer una tesis metafísica. (MARIAS, 2000, p. 64,)⁵

Jimenez (2011) aponta para algumas semelhanças entre o pensamento de Ortega y Gasset e Martin Heidegger, especialmente em **Meditações do Quixote** e **Que é filosofia?** onde encontram-se elementos de análise da vida humana. Contudo, o próprio Ortega y Gasset admite que “en el análisis de la vida humana quien há llegado más adentro es el nuevo filósofo alemán Martin Heidegger”. (ORTEGA Y

⁵ “Eu sou eu e minha circunstância pode ser uma expressão que revela o núcleo da filosofia de Ortega. Uma frase filosófica isolada não tem seu pleno significado. Só em seu contexto apresenta o verdadeiro alcance; é necessário, portanto, procurar saber o que Ortega queria dizer com essas palavras, se é uma simples ocorrência sem a intenção de estabelecer uma tese metafísica.

GASSET, 1928, p.207).⁶ Reconhece, portanto, a importância da obra **Ser e Tempo**, do filósofo alemão. Nela foi realizado um estudo da vida humana com maior profundidade que qualquer outro filósofo precedente, mas afirma que todas as principais ideias já estavam presentes em suas reflexões filosóficas.

No pensamento orteguiano, o conceito de circunstância articula-se à noção de perspectiva, que pode ser considerado o segundo momento de seu pensamento. No ensaio **Verdade y Perspectiva** (1916), encontra-se a afirmação de que a realidade se quebra em inumeráveis facetas, em diversas vertentes e cada um precisa ser fiel, ao seu ponto de vista que é único. A realidade se apresenta em perspectivas individuais. Com o perspectivismo se elabora a oposição ao idealismo e ao realismo.

Segundo vários estudiosos, inclusive Carvalho (2009, p. 331), este conceito é fundamental para o entendimento da ontologia orteguiana e também para que se perceba a diferença em relação a filósofos importantes de seu tempo, como Martin Heidegger e Edmund Husserl. Seu ponto de referência para estudo são os livros, **El espectador** presentes nas **Obras Completas** de Ortega y Gasset. Estes ensaios foram publicados entre 1916-1934. Tem a característica de apresentar reflexão pessoal sobre vários assuntos.

O perspectivismo, segundo Mora e Dominguez, pode ser situado em torno de 1914-1933. Foram publicados nesse período oito volumes de suas Obras Completas. Podem ser classificados em dois grupos. O primeiro reúne livros com seleções de artigos, ensaios, meditações. Quase todos foram publicados anteriormente em periódicos. Pertencem ao primeiro grupo os três primeiros tomos da série de oito tomos **El Espectador I** (1916) **El espectador II** (1917), **El espectador III**, (1921). Ao segundo grupo pertencem três obras maiores: **Meditações do Quixote** (1914), **Espanha Invertebrada** (1923) e é também de grande importância, o **Tema do nosso tempo**, publicado inicialmente na Revista do Occidente, em 1923. Segundo Mora (1963, p. 22) não é tarefa fácil encontrar, de imediato nessas obras traços de uma filosofia sistemática. Mas considera que no átrio das **Meditações do Quixote** se encontra algo que pode ser considerado um programa filosófico.

Ortega y Gasset, afirma que nenhuma realidade, por humilde que parecesse,

Traduzindo:⁶ “ Na análise da vida humana quem chegou mais próximo foi o novo filósofo alemão Martin Heidegger.”

poderia ser desprezada por nenhum filósofo digno deste nome. Consideramos importante destacar que isto não impede de reconhecer o fato de que toda realidade possui uma profundidade própria e de que a tarefa do filósofo consiste em penetrar na superfície de cada realidade para extrair o que está oculto – sua essência. A atitude metódica de Ortega y Gasset contrastava com os modos de ver da filosofia acadêmica tradicional. Essa atitude foi expressa de diversos modos, uma delas, o da teoria das circunstâncias.

Na filosofia orteguiana a noção de perspectiva representa o reconhecimento de que o olhar do indivíduo é o único modo de se chegar à realidade. No primeiro ensaio de **El Espectador I** intitulado **Verdade y Perspectiva**, (1916) aparece o problema da perspectiva, como uma questão gnosiológica, o mundo emerge para o homem como realidade multifacetada que o coloca frente ao significado da verdade e do seu conhecimento. O conhecimento da verdade foi tratado tradicionalmente como a busca de uma realidade universal. De acordo com o pensamento dos filósofos gregos, havia uma única verdade e uma única forma de acesso a ela. Ortega y Gasset procura justificar o título escolhido para esta publicação, ou seja, a relação entre teoria e realidade, entre a vida e sua contemplação e afirma que a vida espanhola os obriga a uma ação política. Disto resulta a necessidade de cada um reservar uma parte de si para a contemplação. Reflete a seguir sobre a situação da Espanha e a de outros países em que impera a filosofia pragmática. É nesse contexto filosófico que surge o tema do perspectivismo.

A verdade é o tema central do ensaio citado anteriormente. Refere-se à busca da verdade como algo a que o homem se empenha com a ansiedade semelhante a de um naufrago. Ortega y Gasset cita a **República** de Platão (438-348a.C) , livro em que se enfatiza a singularidade com que os filósofos contemplam o mundo. Com seu olhar, procuram entender o que as coisas são verdadeiramente. Adotam uma contemplação bem singular da realidade que Platão nomeia de ‘amigos do mirar.’

A lembrança da filosofia platônica leva o filósofo em estudo, a refletir sobre o fato de alguns desejarem mais do que mirar as manifestações espontâneas dos seres. Querem teorizar sobre a realidade. Em **Verdade y Perspectiva**, recorda que a explicação teórica sobre o sentido dos seres levou os filósofos gregos da antiguidade à suposição da existência de uma realidade oculta. Competia aos filósofos desvendá-la, ou seja, tirar o véu que a ocultava o que os helenos nomearam de *alethéia*. Adotam

o olhar que transcende ao que aparece ou se manifesta, isso pode ser encontrado em Ortega y Gasset no início do livro **Meditações do Quixote** (1914). Nesse livro, utiliza uma metáfora em que o bosque representa a realidade. As árvores contempladas enquanto se caminha, não permitem que o bosque seja visto em sua integridade. Além delas se encontra outra paisagem invisível e imperceptível à perspectiva de quem contempla.

Tenho agora ao meu redor cerca de duas dúzias de carvalhos circunspectos e de freixos gentis. É isto um bosque? Certamente, não. Estas são as árvores que vejo do bosque. O bosque verdadeiro se compõe das árvores que não vejo. O bosque é uma natureza invisível. – por isso em todos os idiomas conserva seu nome um halo mistério. (ORTEGA Y GASSET, 2012, p 67)⁷

Desse modo Ortega y Gasset nos coloca diante de uma questão, ao perguntar se as árvores reunidas constituem um bosque. Logo a seguir observa que as mesmas são vistas na perspectiva de quem as vê. Elas não surgem a partir de um estudo científico sobre a mata. É como experiência vital que o bosque comporta uma paisagem invisível e neste caso as árvores que não aparecem no horizonte vivido, fazem parte do bosque. Afirma ainda que a realidade só pode ser contemplada, com a perspectiva de cada pessoa, por isso cada um tem a missão de revelar a verdade como aparece. A fidelidade à verdade de cada um consagra a perspectiva do espectador e mostra que a realidade comporta diferentes perspectivas. Ao conceber o perspectivismo, como a verdadeira forma do conhecimento compatível com realidade radical da vida humana, Ortega y Gasset revoluciona a metafísica. As filosofias da vida, são diferentes formas do saber a respeito da vida, mas não o saber apreendido da própria vida. A descoberta da vida como realidade a que tudo se reporta, marca a originalidade de Ortega y Gasset.

⁷ Nesse aspecto, podemos encontrar muita semelhança com o pensamento de Heidegger.

1.2.3 Conceito de Circunstancialismo

Segundo diversos estudiosos orteguianos, o conceito de circunstância aparece pela primeira vez em **Meditações do Quixote**, porém seu significado é ampliado posteriormente em **El Espectador**. O entorno do eu passa a ser incluído, ou seja, o meio exterior e as características do organismo: tanto as físicas como as psicológicas que envolvem o eu. Circunstância passa a ser tudo que rodeia o eu: a realidade cósmica, a corporeidade, a vida psíquica, a cultura em que vive, nela incluindo também as experiências vivenciadas com o tempo. Em Ortega y Gasset (2010) o conceito de circunstância está vinculado ao de perspectiva. Estão entrelaçados, conectados.

A compreensão do significado desses conceitos é fundamental para se chegar ao objeto central da filosofia orteguiana que é a vida. Segundo Ortega y Gasset, a vida é única e não se confunde com a circunstância, uma vez que não é simples recepção do que acontece em torno do eu, como é possível constatar em **Temas de Viaje** (1922). A frase de Ortega y Gasset “ Eu sou eu e minha circunstância”, presente em **Meditações do Quixote** une de modo inseparável o eu e a circunstância, que interagem e se completam. A realidade vital é a vida. Em **Acerca de Ortega**, de J.Marias (1991) encontra-se a afirmação:

Yo soy yo y mia “circunstancia”, es decir, yo me encuentro, aqui y ahora, en una circunstancia, rodeado de cosas que está em torno mio y con las cuales tento que hacer algo para vivir. Mi encuentro, pues, desde luego, em la vida, me encuentro viviendo: en la vida encuentro las cosas y mi encuentro a mi mismo;esto es, la vida es lo primerio, es anterior a las cosas y a mi. (MARIAS,1991,p.27) ⁸

Em **Circunstancia y Vocación**, ao abordar a questão da gênese do conceito de circunstância, Marias (1984) lembra que este foi usado inicialmente pela biologia. Ao desenvolver a noção de circunstância, Ortega y Gasset direciona a hermenêutica

Traduzindo:⁸ Eu sou eu e minha circunstância quer dizer que me encontro, aqui e agora em uma circunstância, rodeado de coisas, com as quais tenho que fazer algo para viver. Encontro-me, pois, na vida, me encontro vivendo: na vida encontro as coisas e encontro a mim mesmo; isto é a vida é o primário, é anterior às coisas e a mim.

do conceito para o humano, evitando assim, estabelecer uma ligação com as ciências biológicas. Ao agir assim apresenta um caráter inovador ao conceito. Deixam de existir referências biológicas à teoria da circunstância ou esta passa a aparecer somente de modo ilustrativo. A grande referência passa a ser a vida humana e a circunstância como parte integrante da mesma.

No Ensaio **Adão no Paraíso** (2002) no qual faz referência ao quadro do pintor espanhol, Ignacio Zuloaga y Zabaleta, já apresenta referências acerca da realidade de vida: “Quando Adão apareceu no Paraíso, como uma árvore nova, começou a existir isto que chamamos vida. Adão foi o primeiro ser que, vivendo, sentiu a si mesmo viver”.(ORTEGA Y GASSET,2004, p.34). Percebe-se que vida no pensamento orteguiano desde o início, não possuía um significado biológico, mas se referia a vida individual humana. Nos parágrafos seguintes, continua:

O que é Adão então, com o verdor do Paraíso à sua volta,
circundado de animais;lá, distante,os ríos com seus inquietos peixes,
e mais além das montanhas de ventres *petrefactos*, e depois os
mares e outras terras. A Terra e os mundos?

Adão no Paraíso é a vida simples, é o débil suporte do problema
infinito da vida. (ORTEGA y GASSET. 2004, p. 45)

A circunstância, portanto, não é somente, o imediato. É o que rodeia, circunda o homem, inclusive o que está além de seu alcance. E não somente o físico, mas também as realidades de outra ordem, o histórico, o espiritual: a gravitação universal, a dor universal, toda história humana com seus desejos, Nínive e Atenas, Platão e Kant, o espiritual e o momentâneo. Todas as coisas inesgotáveis, tudo que se expressa com uma palavra de contornos infinitos, que é a vida concreta e insubstituível de cada um. Ortega y Gasset em **Adão no Paraíso** define a vida com maior rigor, tematicamente como coexistência: “Vida é mudança de substâncias; portanto, conviver, coexistir, tramar-se em uma rede sutilíssima, de relações, apoiar-se um no outro, alimentar-se mutuamente, conviver, potenciarse” (ORTEGA Y GASSET, 2002,p.52).

Ao fazer alusão à figura bíblica de Adão, escolhe o homem na natureza como ideal da pintura. Adão representa a vida que acontece num espaço onde pode viver. É o primeiro ser a se reconhecer vivente. A vida é o seu grande problema. O ideal da pintura no pensamento orteguiano é o homem e a natureza, o habitante do planeta.

“Quem é Adão? Qualquer um e ninguém em particular: a vida”.(ORTEGA y GASSET, 2002,p.54).

Sabemos que o conceito de circunstância foi explicitado no livro **Meditações do Quixote**, (1914). Nesta obra, segundo Julián Marias, Ortega y Gasset define seu projeto filosófico, ao incluir a noção de circunstância como categoria estrutural na definição do homem. Este só pode ser compreendido na relação com a circunstância. O conceito de circunstância é ampliado, estendido para tudo aquilo que o homem precisa para viver.

O projeto filosófico de Ortega y Gasset se desenvolve permeado de conteúdo histórico. Em **Meditações do Quixote**, existe referência direta à realidade hispânica. Quando escolhe Quixote como eixo para pensar a Espanha, reconhece nesse grande personagem da literatura, o modelo típico do homem espanhol. O velho fidalgo, amante dos livros e da cavalaria, em sua loucura confunde o real com o imaginário, mas tem sempre vivo o desejo de salvar a Espanha dos invasores. Embora não assuma uma dimensão épica, Ortega y Gasset (2010, p. 791) faz desse desejo de salvação, um projeto vital. A filosofia orteguiana apresenta assim uma dimensão de duplo sentido: emerge de uma situação concreta da Espanha, exemplificada na figura de Quixote, chave para leitura da realidade espanhola e, depois, a dimensão semântica da filosofia, que é o amor ao saber. Ao se ocupar do livro de Cervantes, concentra nele a pergunta: “Dios mio, ¿ qué es España?”⁹(ORTEGA Y GASSET,2010, p. 791).

Na meditação preliminar, Ortega y Gasset, se refere a um ambiente composto por uma paisagem natural, onde a experiência do silêncio favorece o conhecimento da realidade. É o Mosteiro do Escorial e nele um bosque, elemento fundamental para introduzir o conceito de realidade e de circunstância.

O Mosteiro do Escorial levanta-se sobre um outeiro. O declive La ladera meridional deste outeiro inclina-se sob a cobertura de um bosque de freixos e carvalhos. O lugar se chama “A Ferraria”.[...] troca seu aspecto, graças a esse manto de espessura estendido a seus pés e que é cor de cobre no inverno, áureo no outono e verde escuro no verão. Passa a primavera voando por aquí, instantânea e excessiva – como uma imagem erótica pela alma acurada de um anacoreta. [...]

Traduzindo:⁹ Meu Deus, o que é a Espanha?

Há lugares de esplêndido silêncio – o qual nunca é silêncio absoluto.(ORTEGA Y GASSET, 1967 p.65).

É possível perceber no presente texto a elaboração de uma reflexão filosófica partindo de algo bem concreto, com significação, pois o Escorial fez parte da vida de Ortega y Gasset, como ele mesmo afirma. Nesse texto começou a definir o homem, como envolvido pelo seu entorno, e assim como Quixote ele vai fazendo experiências de duas realidades: a que cria imaginariamente e a que encontra nas manifestações das coisas. Lança ainda uma pergunta: “Com quantas árvores se faz uma selva? Com quantas casas uma cidade” (ORTEGA Y GASSET, 1967p.67) O verdadeiro bosque para ele, é composto por árvores que não podem ser vistas em sua totalidade, e por isso o considera como de natureza invisível. Está sempre mais além de onde o homem se encontra, daquilo que consegue ver. De qualquer modo, o bosque se apresenta sempre como uma possibilidade, é uma vereda na qual se pode caminhar. Nele o homem se encontra diante do desconhecido que o instiga continuamente

O conceito de circunstância foi abordado também pela fenomenologia e pelo existencialismo. A novidade que surge em Ortega y Gasset consiste em que, ao trabalhar a conjunção do “eu mais a sua circunstância,” torna-se exemplar no que diz respeito à tomada histórica das categorias de Situação e Temporalidade, ao colocar a Espanha como lugar onde a conjunção entre o “eu e a circunstância”, ocorrem. Na expressão orteguiana, “eu sou eu e minha circunstância e se não a salvo não me salvo” já aparece um eu que está aberto à realidade que o circunda. Esta é distinta do Eu, e, ao mesmo tempo, inseparável dele. Um não existe sem o outro.

Em todo o livro ***Meditações do Quixote***, (1914) percebe-se que o homem se comunica com o mundo a partir de sua circunstância. É ela que o liga a todo o universo. No caso de Ortega y Gasset é a Espanha, em crise, tão abaixo do nível de seu tempo, que se propõe a adentrar, esquadrihando sua natureza oculta, buscando suas possibilidades, e a profundidade de seu significado filosófico, enfim, procurando salvá-la, ou seja, compreendê-la, descobrir o seu significado na própria vida.

Ainda segundo Marias, ao usar esse conceito, Ortega y Gasset procura imprimir na palavra a plenitude de seu significado, em seu sentido latino literal. A circunstância é tudo que está ao redor – *circum me*, em torno a mim. A realidade é tomada em toda sua imediatez e pureza. Neste sentido a realidade é mais radical do

que *Umwelt* de Husserl, mundo como entorno natural. Para ele, o entorno é o mundo não como realidade física alheia ao sujeito, mas como realidade que o envolve, incluindo o mundo prático: valores e bens. No pensamento orteguiano, circunstância significa condição de possibilidade. Sem ela não se pode pensar o real, pois a fonte da realidade é a vida e esta só pode ser pensada circunstancialmente. O possessivo usado em “mi circunstância, ” no entender de Marias, não significa uma mera localização, mas uma posse, no sentido de ser eu mesmo.

Em obras posteriores às **Meditações do Quixote**, (ORTEGA Y GASSET, 1967) continua a desenvolver o conceito de circunstância diretamente relacionado ao de vida, chave do seu pensamento. Em **Meditação da Técnica** (ORTEGA Y GASSET, 2009) ao escrever sobre a vida do homem diante da técnica, considera que este encontra facilidades e dificuldades, ao escolher a vida. Ao encontrar-se na vida, diante inúmeras dificuldades, o homem vê que sua vida é posta constantemente em perigo e isso exige dele uma postura, um sair da passividade. O conceito de circunstância no pensamento orteguiano aparece diretamente ligado ao sentido de vida como escolha, projeto, como um que fazer. A circunstância é considerada como conteúdo necessário da existência, como condição de possibilidades.

Ortega y Gasset decide voltar o olhar para uma teoria que tenha sua origem na vida. Por esse motivo, sua preocupação primeira é a circunstância espanhola, para conseguir, sem renunciar à inteligência, saber a que se ater. Pensar em teorizar no pensamento orteguiano significa, portanto, pensar na vida e a que se ater. Vida que aparece como realidade radical, primordial, no fato de cada homem se encontrar na vida de modo inexorável, sem saber como, tendo que existir em determinada circunstância. (MORA, 1963).

Neste modo de pensar, o homem não vive separado do espaço- tempo em que se situa. Na expressão de Ortega y Gasset “Eu sou eu e minha circunstância”, existe a revelação de que o ser situado no espaço tempo, circundado de coisas, se faz e se define. Tudo passa a ser parte constitutiva dele. De acordo com sua ontologia o homem, se encontra em um modo de ser essencialmente devedor de seu espaço e de seu tempo, por toda realidade em que está envolto. Assim a obra de Ortega y Gasset, parte da Espanha, centro do universo para a questão do ser do homem. Tematiza experiências capazes de revelar que a inteligibilidade de sua circunstância realiza, com intensidade, um modo de ser humano: o espanhol.

Os conceitos de perspectivismo e circunstancialismo influem na ontologia orteguiana. A sua preocupação com a Espanha, o leva a criar um novo conceito de metafísica, de vida como realidade radical, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

CONCEPÇÃO DE VIDA COMO REALIDADE RADICAL.

“Nossa vida começa por ser a perpétua surpresa, sem nossa anuência prévia, naufragos num orbe impremeditado.”
Ortega y Gasset, *Que é filosofia?* p.168

2.1 Ortega y Gasset e a questão da Metafísica

Sanchez (2010) e outros estudiosos, destacam o fato de Ortega y Gasset atrair muitos leitores não só pela sua curiosidade que o levou a escrever sobre diferentes temas ou acontecimentos de seu tempo, mas também pela beleza literária de seus textos. Vários estudiosos de diferentes campos do saber se pronunciaram sobre a coerência da filosofia orteguiana, sua diversidade temática e qualidades literárias. Abordaremos nesse trabalho sua concepção de vida humana.

Amoedo (2002) considera o pensamento filosófico de Ortega y Gasset, de grande valor, resultado de sua preocupação com a Espanha, enriquecida pela vocação intelectual, que deu ao ocidente uma metafísica original, com suas implicações temáticas, metodológicas e de configuração de um sistema próprio. Segundo essa pesquisadora, o contato com as obras de Ortega y Gasset, pode ser um incentivo para colocar de modo radical os problemas que encontramos hoje e, conseqüentemente, buscar uma resposta para eles.

Para a configuração de sua vocação filosófica foi decisivo o encontro com a escola neokantiana de Marburgo, e seu convívio com Hermann Cohen e Paul Natorp. Mas, é importante considerar que embora Ortega y Gasset em alguns momentos de sua obra, se revele discípulo desses pensadores alemães, em nenhum momento foi discípulo do neokantismo que eles representavam. Ele enaltece a escola que representa o esforço de salvar a filosofia das limitações que os positivistas e irracionais vinham impondo e expõe os motivos pelos quais ela lhe pareceu satisfatória.

Contudo, torna-se importante considerar, como afirma Amoedo (2002), que na transição para o século XX a Alemanha foi o berço de uma *Lebensphilosophie*, de acordo com os propósitos filosóficos que revelaram muitos filósofos como Schopenhauer e Nietzsche. Nesse período também podemos encontrar Brentano, com tendência contrária à tradição idealista e favorável à observação e análise dos fenômenos no âmbito da Psicologia, que significa uma variante em que seus discípulos, entre os quais Husserl, se empenham. Todas essas formas de pensamento estão presentes no contexto filosófico da Europa, no período em que Ortega y Gasset estudava na Alemanha e isso se reflete em seus primeiros escritos. É possível que tenha recebido a influência de Cohen, para quem a vida individual consiste no problema de realizar a ideia de si mesmo, ao conceber a problematidade da vida, dando-lhe novos contornos.

Em vista da contextualização do pensamento orteguiano, consideramos relevante retomar, ainda que pontualmente, algumas concepções marcantes de razão, especialmente na filosofia ocidental. Durante séculos, desde a Grécia, a razão foi entendida como algo que capta o imutável, a essência das coisas. No princípio da meditação filosófica no mundo grego, o que os sentidos apreendiam como falível e mutável não era propriamente a realidade. Havia uma realidade oculta, apreendida pela consciência. Essa razão tem sua culminância na razão matemática dos racionalistas do século XVII, que produz as ciências físicas, e a razão pura de Kant.

Entretanto, a razão crítica ou físico-matemática, encontra seu limite no conhecimento do homem e das ciências humanas. Revelou-se inadequada para captar a realidade cambiante e temporal da vida humana. Por isso, como afirma Kuyawski (1994, p.60) “Não existe a ‘essência eterna’ do homem; ele é feito da substância do tempo, isto é, de mudança de alteridade, e não pode ser pensado eleaticamente.” Nesse período, ou seja, no século XX, encontramos os irracionaisistas, como Spengler, Bergson Kierkegaard e, segundo eles, vida e razão se excluem. Ortega y Gasset discorda e, marca sua posição no Ensaio **Ni vitalismo ni racionalismo** (1921), ao afirmar que a razão se dá na própria vida, a razão deve ser capaz de apreender a realidade temporal da vida. Propõe, então, a razão vital que não se distingue do viver. Ela é somente uma forma ou função da vida. Para ele a vida humana é a categoria básica para resolver os problemas deixados pelo realismo e idealismo.

Sabemos que desde **Meditações do Quixote** (1914) Ortega y Gasset concebe uma nova filosofia, o raciovitalismo, a filosofia da razão vital. O filosofar segundo a razão vital, traz novas possibilidades para pensar o mundo e melhor compreender nossa existência nele. A razão vital é a razão aberta que considera o homem tal como aparece, ou seja, tenta compreender a vida humana em sua realidade surgente, originária. Não parte de uma definição, para depois deduzir com grandes raciocínios sobre o homem. A razão vital e histórica não é uma teoria pura, formal sobre a vida. Compreender o homem, portanto, não consiste em prever seu comportamento mediante o conhecimento antecipado das leis que, por hipótese regem sua natureza, mas vê-lo em seu contexto. Afinal, o homem está aberto ao mundo e às coisas, e é nesta recíproca relação que sua racionalidade se desenvolve. A razão, deste modo, é função da vida e, conseqüentemente, histórica.

A afirmação de Ortega y Gasset, “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, é expressa pela primeira vez em **Meditações do Quixote**, percorrendo depois grande parte de suas obras. Na sua concepção, não existe a primazia de uma realidade humana, interna, pessoal, em detrimento de uma realidade externa, do mundo ou da circunstância. E, sendo o homem somente nas suas circunstâncias e havendo uma interdependência entre os dois, “ser” não pode mais significar algo independente do homem, que se realiza por si. Não pode também ser entendido por subjetividade, intimidade hermética, perfeição. Ser significa viver, necessitar do outro. É interdependência: “Não é o mundo por si junto a mim, e eu por meu lado aqui, ao lado dele –porquanto o mundo é o que está sendo para mim, em dinâmico ser diante de mim, e eu sou o que atua sobre ele, o que o olha e o sonha e o sofre e o ama [...]” (ORTEGA Y GASSET, 1971, p.161).

Abordar a questão da vida, como problema central a ser investigado é um desafio que vinha da herança kantiana, como afirma Carvalho (2015), e estava sendo enfrentado pela fenomenologia. Em Ortega y Gasset no entanto, esse tema teve uma abordagem própria nas **Meditações do Quixote** (1967). Nessa obra ele define viver como resultado da relação entre o eu e a circunstância. A inserção do eu no mundo faz da vida um compromisso que deve ser estudado com determinação. Daí a caracterização da vida como um grande problema a ser resolvido. Mesmo com os grandes problemas da Espanha de 1929, Ortega y Gasset apresenta o curso **Que é filosofia?** e nele reafirma a noção de vida como realidade radical:

O novo fato ou realidade fundamental é “nossa vida” a de cada qual. Procure qualquer um falar de outra realidade como mais indubitável e primária que esta e verá que é impossível. Nem sequer o pensar é anterior ao viver-porque o pensamento se encontra a si mesmo como pedaço de minha vida[...]. (ORTEGA Y GASSET, 1971, p.176)

Ortega y Gasset considera a vida como a realidade radical que a filosofia busca durante a história. Na sua perspectiva, a vida com toda sua instabilidade, é a realidade fundamental, buscada na história da metafísica. Encontramo-nos assim, diante de uma nova ideia de ser. Afirma no livro **Que é filosofia?** (1971p.157-158): “Achamos uma realidade fundamental nova – portanto, alguma coisa fundamentalmente diversa do que é conhecido em filosofia -, portanto, alguma coisa para a qual os conceitos de realidade e de ser tradicionais não servem[....].”

Ortega y Gasset procura ir além do idealismo e do realismo reconhecendo a importância de ambos no caminho da filosofia. Marias, em **Acerca de Ortega**, (1991) afirma que a metafísica é uma ideia da realidade, e a filosofia orteguiana significa uma inovação na história da filosofia, porque não se trata de uma nova metafísica, mas de um ponto de vista que permite iniciar uma nova etapa do pensamento filosófico. Ao propor a superação do realismo e do idealismo, e considerar a vida como fundamento, propõe um novo caminho. A inovação consiste, portanto, em apresentar uma nova ideia de realidade, a partir da qual foi possível visualizar melhor os limites do realismo e do idealismo.

Um aspecto central da filosofia de Ortega y Gasset, é o fato de a vida não ser uma substância à parte do mundo circundante, mas uma interação com o mesmo. A razão vital, proposta por ele, pede novos conceitos para responder aos problemas filosóficos. Por isso, Mora afirma no ensaio introdutório **Origem e Epílogo da filosofia** (1963, p.85): “A vida humana -é, assim, para Ortega, uma realidade sem a qual as demais careceriam de “lugar” próprio e, conseqüentemente, de sentido – se se que de sentido ontológico.”

Segundo Carvalho (2002) para Ortega y Gasset, metafísica é um pensar que se realiza na vida e por isso é tratada como uma entre as outras coisas que o homem faz. Fazer metafísica é uma ação humana, mas esse fazer é uma procura de orientação radical da vida. Toda situação na qual o homem se encontre integra o seu viver e para viver se faz necessário se orientar, para não sucumbir em uma dada

situação. A metafísica é uma atividade que assegura a orientação radical do homem, isto é, saber o que as coisas são e descobrir o sentido da vida. Em vários artigos as alusões à vida se sucedem, entrelaçadas com um conjunto de temas, relacionados às circunstâncias da Espanha.

Julian Marias em **Circunstancia y Vocación** (1984) lembra que os pensamentos que fazem a base da metafísica existencial de Ortega y Gasset, se aproximam do pensamento de Martin Heidegger. Foram contemporâneos e havia uma consciência desse fato, tanto que Ortega destacou a dívida que tinha para com ele, se alegrou ao reconhecer que na análise da vida quem chegou mais próximo de seu âmago foi Heidegger, porém reconheceu também que muitas de suas ideias se anteciparam às do pensador alemão. Afirma em **Que é filosofia?** (1971, p.166) “Importa-me adverti-lo, sobretudo acerca da ideia de existência, para o qual reclamo prioridade cronológica.” É possível encontrar outras semelhanças em diferentes obras. Lemos no livro **Em torno a Galileu**.

Ao viver fui lançado na circunstância, no enxame caótico e pungente das coisas: nela me perco, mas me perco não porque sejam muitas e difíceis e ingratas, senão porque elas me tiram de mim, me fazem outro (alter), me alteram e me confundem e me perco de vista de mim mesmo.[...]Perco-me nas coisas porque me perco de mim. A solução, a salvação é encontrar-se, voltar a coincidir consigo[...] (ORTEGA Y GASSET, 1989 p.96)

Como já foi afirmado anteriormente a conceituação de vida humana pode ser considerada o nervo principal da metafísica existencial de Ortega y Gasset. Segundo ele, o ser do homem, é uma realidade radical, porque todos os demais tipos de realidade, física ou espiritual, dependem da existência do homem. A vida como realidade radical, não se reduz a uma coisa extensa, nem a um ente pensante, mas revela a interação entre o sujeito e o objeto, do encontro do eu com as circunstâncias, em situações históricas.

2.2. Constituição Ontológica do Homem: Várias Possibilidades de Fazer e de Ser

Segundo Amoedo (2002) com menor ou maior rigor filosófico, todos os escritos de Ortega y Gasset contribuem para a elaboração de uma teoria a respeito da vida humana. O filósofo em seus escritos, aborda reflexões sobre a vida humana

evidenciando a singularidade própria de cada pessoa. Mesmo divergindo em alguns pontos dos existencialistas, Ortega vê na ideia de existência uma contribuição importante para se pensar a vida humana. Ao ser lançado na existência, o homem partilha sua vida com os outros de um determinado contexto histórico, e no contato com os outros elabora o sentido de sua existência.

O nascimento do homem marca o primeiro momento de problematização da vida, de individuação da existência, no dar-se conta de que existe. A partir da ideia de homem como condição de possibilidade, Ortega destaca como ponto central de sua reflexão a vida humana, e essa enquanto projeto vital e intransferível.

Começar a viver é dar início a um processo irreversível de tomada de consciência ante tudo que nos rodeia, na vida que é antecessora de possibilitação do humano. O excepcional do homem é não apenas viver, mas o fato de sentir-se vivendo, de sentir-se atingido pela sua circunstância.

2.2.1 Atributos ou Categorias da Vida

No seu desenrolar a vida apresenta vários atributos, interligados. O primeiro que pode se destacar é o fato de se perceber na vida na sua incompletude¹⁰. Em **O homem e a gente** (1960, p.81) encontramos a afirmação: “De repente, sem saber como, nem porque, sem prévio aviso o homem se encontra e se surpreende tendo que ser, em um âmbito impremeditado, imprevisto.” Esta vida é dada numa determinada circunstância e se apresenta como um *quefazer*. A cada instante, em cada lugar, vários caminhos ou várias possibilidades se abrem.

Daí resulta que o que me é dado, quando me é dada a vida, não é senão afazer. A vida, bem o sabemos todos, dá muito o que fazer. E o mais grave é conseguir que o fazer escolhido, em cada caso, seja **não qualquer fazer**, mas o que há a fazer, - aqui e agora, - que seja nossa vida verdadeira vocação, nosso autêntico afazer. (ORTEGA Y GASSET, 1960 p.84)

Diante da incompletude da vida, compete a cada um ter uma postura ativa frente às limitações que as circunstâncias apresentam para ir construindo sua vida.

Traduzindo:¹⁰ Nessa conceituação de vida como incompletude, existe semelhança com o pensamento de Martin Heidegger.

Construção esta que nunca tem fim. A ação humana está diretamente relacionada com o pensamento reflexivo e criativo. Na relação com a circunstância, o primeiro confronto do homem acontece na escolha deliberada pela vida. A técnica é a primeira expressão de desejar continuar existindo como protagonista de seus atos. A técnica é uma reforma que o homem impõe à natureza em vista de suas necessidades. Com seus atos, a homem reforma a natureza, ou circunstância, ao criar o que não havia. Esses são atos específicos do homem aos quais Ortega y Gasset nomeia de atos técnicos. Em **Meditação sobre a Técnica (2009, p.31)** podemos ler: “A técnica é a reforma da natureza, dessa natureza que nos torna necessitados e carenciados, reforma em sentido tal que as necessidades ficam anuladas por deixar de ser problema a sua satisfação. ” É possível encontrar aqui um dos atributos da vida, que é dar-se conta do próprio existir, na sua carência, como podemos ler em **Que é filosofia? (1971, p.165)**

Nada do que fazemos seria nossa vida se não nos déssemos conta disso. É este o primeiro atributo decisivo com que topamos: viver é essa realidade estranha, única, que tem o privilégio de existir para si mesma. Todo viver é viver-se, sentir-se viver, saber-se existindo[...].”

Entretanto, na continuidade de sua reflexão sobre os atos técnicos do homem Ortega y Gasset afirma que a técnica não pode ser reduzida a uma reação para responder às necessidades orgânicas ou biológicas. O empenho do homem por viver é inseparável do estar bem. Não se reduz a um simples estar no mundo. É necessário estar bem e isso implica adaptação à vontade do sujeito.

Ao se encontrar no mundo o ser humano descobre que este é uma imensa rede de facilidades e dificuldades. O fato de saber que o próprio existir, consiste em estar rodeado de facilidades e dificuldades, é o que se chama vida humana. Se não encontrasse nenhuma facilidade, o estar no mundo seria algo impossível para o homem. Apoiando-se nas facilidades, e lutando com as dificuldades que o colocam em perigo, age, não é passivo, luta, constrói sua existência. Isso é próprio do homem: “Note-se bem: à pedra é-lhe dada feita sua existência, não tem que lutar para ser o que é: pedra na paisagem. [...] o homem, não só economicamente, mas sim metafisicamente, tem de ganhar a vida.”.(ORTEGA Y GASSET,2009,p.47) Isso faz com que o ser humano seja único no universo.Um

ente cujo ser consiste, não no que já é, mas no que ainda não é, um ser que consiste em ainda não ser.

Conforme já foi afirmado no capítulo anterior, a circunstancialidade da vida apresenta a cada um, várias possibilidades de fazer e deser. Consequentemente cada um exerce sua liberdade, na própria vida. As circunstâncias oferecem sempre diversas possibilidades, na fatalidade ou dramaticidade que é o viver de cada um. O caráter súbito e imprevisto é essencial na vida. A liberdade consiste em fazer escolhas nesse contexto. Viver, é constantemente decidir o que seremos. Cada um se encontra de modo paradoxal, na fatalidade que é o viver. Aqui se encontra o drama no qual está imerso: a liberdade na fatalidade e a fatalidade na liberdade:

[...].o mais estranho e incitante dessa circunstância, ou mundo em que temos que viver, consiste em que sempre nos apresenta dentro do seu círculo ou horizonte inexorável, uma variedade de possibilidades para a nossa ação, variedade diante da qual não temos outro remédio senão escolher e, portanto, exercitar a nossa liberdade.(ORTEGA Y GASSET,1960.p.82)

Ao se encontrar em um mundo não escolhido, o ser humano se vê diante de muitas possibilidades e precisa fazer escolhas. Surge assim outro atributo da vida: a liberdade e esse é outro atributo da vida, carrega em si o seu caráter dramático. Viver segundo o filósofo madrileno, é encontrar-se submerso, projetado no mundo. “Nossa vida começa a ser a perpétua surpresa de existir, sem nossa anuência prévia, naufragos, num orbe impremeditado. Não nos damos a nós vida, porquanto no-la encontramos justamente ao encontrar-nos conosco”. (ORTEGA Y GASSET, 1971p.168).

Ao comparar a vida a um naufrago, Ortega y Gasset reforça a ideia de que a vida é um drama, repleta de incertezas o que exige sempre uma escolha. A vida comparada metaforicamente a um naufrago, desafia continuamente cada um em seu contexto. A vida é apresentada como luta, conquista, problema a ser resolvido. Nessa luta o homem constrói objetos, cultura, técnica, para continuar existindo. Na história da filosofia, o conceito de liberdade foi entendido de diferentes modos. Ortega y Gasset ao considerar a vida humana como um *quefazer*, apresenta a liberdade como algo inerente a vida. É condição de escolha da própria vida na circunstância em que ela acontece.

O fato de imperiosamente cada um ter que fazer escolhas em cada momento, provém de que a circunstância não é unilateral, mas apresenta sempre muitas facetas. Novos caminhos se fazem sempre presentes na vida de cada um como uma interpelação pessoal. O conceito de liberdade, se encontra inserido numa perspectiva criadora da vida humana, como parte da constituição do ser. O homem se encontra frente às suas decisões, ou seja, necessita decidir o seu projeto de vida.

Outro atributo da vida, abordado por Ortega y Gasset em várias obras é a temporalidade. Afirma em **Sobre Caças e touros**(1989) que a vida tem seus minutos contados e cabe a cada um, diante do vazio que experimenta, inventar seus afazeres e ocupações: “Mas – aí está! A vida é breve e urgente; consiste sobretudo em pressa, e não há outro remédio senão escolher um programa de existência, com exclusão dos restantes; renunciar a ser uma coisa para poder ser outra.”(ORTEGA Y GASSET,1989, p.19).

Ao experienciar a temporalidade em sua circunstância cada um se encontra com outro aspecto da vida: a solidão radical. Contudo, para Ortega y Gasset a solidão se faz presente na vida humana porque o homem se encontra num imenso universo, com todo seu conteúdo, infinitas coisas e “em meio delas o Homem, em sua realidade radical, está só, - só com elas e, como entre essas coisas, estão os outros seres humanos, está só com eles” (ORTEGA Y GASSET,1973,p.87). A solidão radical, no entanto, não é a afirmação de que não exista mais nada além do próprio eu, pois cada vivente tem um mundo que não é simplesmente um mundo individual, e sim um mundo que lhe é exterior.

Para desenvolver este aspecto, é importante considerar o sentido da palavra solidão, oriunda da palavra saudade da língua portuguesa, que exige o complemento de alguém. A solidão radical, portanto, é um ficar sem os outros. A solidão radical é na verdade, os atos realizados por nossa própria decisão, diante de nossos próprios problemas. É um ficar só, recolher-se em si, para descobrir, avaliar, quais ações entre as possíveis são realmente nossas. O homem que é ele mesmo, não permite que seu ser se deixe passar por outro. Não se aliena nem se converte em outro. Encontramos aqui a questão da autenticidade, do ensimesmar-se.

Na solidão, o ser humano precisa encontrar respostas para sua existência. Em **Meditação da Técnica** (2010) ao abordar a questão da técnica, Ortega y Gasset reforça a ideia de que a vida é uma tarefa de cada um e desde os primórdios o homem busca meios para realizá-la. Esse 'que fazer' faz com que ele entre em contato consigo mesmo e ultrapasse os desafios colocados pelas circunstâncias. Ao longo da história o homem aperfeiçoa cada vez mais o que ele criou pela sua capacidade reflexiva. O homem diferentemente do animal, é capaz de não estar sempre fora de si. Ele pode 'retirar-se do mundo' e ensimesmar-se. No movimento de adentrar-se, o homem busca sempre adaptar o mundo a si. A vida, portanto, transcende a realidade natural.

No entendimento de Ortega y Gasset somente o homem é capaz de desligar-se por alguns instantes do mundo circunstancial, para pensar em realidades que não estejam diretamente ligadas ao biológico. Ao ensimesmar-se o homem reconhece a vida como sua e a assume na elaboração de realidades favoráveis ao viver. Ao refletir, consegue imaginar na solidão de seu ser, realidades que não estão diretamente ligadas ao orgânico. Esse aspecto da solidão é muito importante na construção do conceito de realidade radical, pois é nesse momento que se teoriza a vida. O pensamento de Ortega y Gasset, se diferencia do cartesiano, pois com sua visão circunstancial aproxima o pensamento da vida. A razão assume uma função vital no direcionamento do que o ser humano faz com a vida.

Uma das dimensões da vida humana é a capacidade de escolha pela reflexão. A ação humana é sempre refletida, antecedida pelo mecanismo do pensamento, distinta da ação dos animais. O homem precisa imaginar, criar realidades que antecedam seu agir, pois viver é sentir-se forçado a exercitar a liberdade. Quando cada um passa a existir, o primeiro problema a ser resolvido é a própria vida como realidade radical. Torna-se responsável por si. Esse ser individual provoca, no próprio homem uma reação de estranheza em relação aos outros seres, pois além do mundo exterior, consegue perceber que tem também um mundo interior ou intimidade.

Em sua raiz, de acordo com o pensamento orteguiano, o viver consiste em compreender-se, em se perceber e perceber também o mundo ao seu redor. É nesse sentido que a vida é compreendida como um quê fazer – encontrar-se a si mesmo no mundo e ocupado com as coisas e seres do mundo. "Não há viver se não é um orbe de outras coisas, sejam objetos ou criaturas; é ver coisas e cenas, amá-las ou odiá-

las, desejá-las ou temê-las. Todo viver é ocupar-se com o outro que não é ele mesmo, todo viver é conviver” [...]. (ORTEGA y GASSET, 1971.p.167).

Ao nascer numa determinada circunstância, o homem tem diante de si um mundo que não lhe é dado pronto, contudo já encontra uma interpretação do mundo e da vida, pois na concepção orteguiana, a vida é histórica. Ao se encontrar no mundo o homem precisa fazer algo. Mundo, na perspectiva de Ortega y Gasset, é o mundo em que se vive. É o campo das relações de cada um com as outras coisas e com o outro. Ser é a correlação do eu com as circunstâncias. Viver, portanto, é esse ocupar-se com o mundo, é encontrar-se nele e ser afetado por ele.

O fato de cada um viver num mundo que não escolheu e que lhe deixa sempre uma margem de possibilidades, faz com que seja atribuído à existência humana um caráter dramático. Esse é outro atributo da vida, muito próximo ao da liberdade. Viver segundo o pensamento orteguiano é encontrar-se submerso, projetado no mundo. “Nossa vida começa por ser a perpétua surpresa de existir, sem nossa anuência prévia, naufragos, num orbe impremeditado. Não nos damos a nós a vida, porquanto no-la encontramos justamente ao encontrar-nos conosco.”(ORTEGA Y GASSET,1971, p.168) .

O caráter súbito, imprevisto da vida é considerado como algo essencial na filosofia orteguiana. A vida é entendida como um problema a ser resolvido a cada momento, por cada um. A liberdade, confere à vida a dimensão de dramaticidade ou fatalidade. Nosso autor afirma em **História como Sistema** (2001) e em outras obras, que cada um se vê sempre diante de várias possibilidades apresentadas pela vida e precisa fazer escolhas. Isso nos torna obrigatoriamente livres, querendo ou não. O conceito de liberdade se insere numa perspectiva criadora da vida humana como parte da constituição do ser: cada um se encontra frente às suas decisões, comprometido com o que projeta ser, lançado no mundo das possibilidades sem indicadores que possam assinalar pressupostos no caminho do existir. Ser livre, portanto, é não ter de identidade constitutiva.

Assim sendo, a existência humana, não possui uma essência que a defina. O homem carrega consigo a indeterminação do ser. É um ‘poder ser’ em um mundo, ou parafraseando Critelli (1998), podemos afirmar que a experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade

e da liberdade. Interessante observar que dez anos antes de Sartre em sua obra **O Ser e o Nada** (1997, p.543) proclamar “que o homem está condenado a ser livre”, Ortega y Gasset, em **A Rebelião das Massas** (1962), afirmava: “Viver é sentir-se *fatalmente* forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo.”(ORTEGA Y GASSET,1962,p.102). Para Sartre o homem é homem pela sua condição de ser livre. É fruto de sua liberdade porque cotidianamente escolhe as ações a serem praticadas. A liberdade, portanto, não é uma conquista humana, mas uma condição da existência. Para os dois filósofos, o ser humano usa a liberdade para escolher o que projeta ser, e a partir dessa escolha são criados os valores. Não existe a possibilidade de recusa da escolha, pois a fuga dessa opção, já constitui uma escolha. Assim sendo, a liberdade humana é a escolha de certos possíveis. Para ambos o ser humano é compreendido como liberdade que se constrói na história.

Procuramos destacar aqui alguns atributos da vida segundo Ortega y Gasset, e foi possível perceber como todos eles estão muito interligados. A vida é dada a cada um como projeto a ser realizado. Carrega uma dimensão de dramaticidade, existe a necessidade de fazer escolhas a cada momento. Aparece desse modo, a dimensão da liberdade como desafio. Cada um se percebe em sua existência como um ser temporal, experimenta também a solidão e se percebe como um ser relacional.

2.3 A Vida Humana e sua Dimensão Relacional – Autenticidade e Alteração.

Encontramo-nos no mundo em relação com os outros. Podemos afirmar que a natureza é muda, embora se expresse com suas paisagens, tempestades, com sua brisa, frio e seu silêncio. Ela não responde. Os animais reagem de modo que tem sentido, mas não falam. Sentimo-nos sozinhos nesse universo imenso. Com Jaspers (1965), podemos afirmar que foi necessário que o homem surgisse para emprestar linguagem ao mutismo das coisas. Sente-se sozinho em meio a uma natureza da qual é parte e só com seus companheiros de destino se transforma em humano, em si mesmo e supera a solidão. Somos seres em relação e nos formamos na interação com o meio que nos cerca e com os outros seres humanos. Na condição de seres humanos estamos no meio ambiente e social, mas, ao mesmo tempo o transcendemos, porque não nos contentamos com ele. Agimos para transformá-lo, para satisfazer nossas múltiplas necessidades. Segundo Luckesi (2011,), por meio de

nossa ação, conseguimos ultrapassar nossas necessidades materiais e alcançamos voos para satisfazer nossas necessidades culturais e espirituais.

Falamos, sim, de necessidades espirituais como as que vão para além da materialidade do cotidiano; falamos das aspirações que se dão no coração e na alma de cada um, assim como no coração dos povos; aspirações de viver bem e em plenitude. (LUCKESI, 2011, p.31)

É possível perceber nos escritos de Ortega y Gasset, que ele tem essa percepção de que a vida humana se dá ou acontece, em relação com tudo que a rodeia. Está inserido no meio que o cerca. Com ele vive e convive, mas também o transcende por meio de sua capacidade de agir. Na vida, o homem se encontra com outro, aquele que está absolutamente fora, configurando-se como forasteiro, e percebe-se semelhante a esse outro com quem mantém relação e avança na reflexão apontando riscos e caminhos. Esse outro, tem a capacidade de reciprocidade. Isso revela sua semelhança. Tem vida humana, portanto uma vida sua, com seu eu e seu mundo próprio. Para que haja convivência, se faz necessário estar aberto ao outro, essa é a primeira realidade social, forma concreta de estar com o outro, estranho, diferente, mas semelhante. Nessa relação existe o risco do homem se perder se si mesmo, viver de modo atropelado, isto é inautêntico, ou alterado.

A circunstância é um elemento integrante da vida humana, é um conceito chave da filosofia orteguiana. E viver humanamente é ir além das circunstâncias, vencer os limites que elas impõem. Todo homem mantém relação com o meio em que vive e este apresenta duas dimensões: autenticidade e alteração. A circunstância pode ser considerada o material que o homem utiliza para viver, uma vez que seu entorno inclui elementos como corpo, psiquismo, emoções, ideias, crenças e todo o mundo cultural que implica todos os campos de interesse humano. Cada um nasce em meio a um emaranhado de coisas e situações não escolhidas que apresentam facilidades e dificuldades na construção da vida. Ortega y Gasset afirma em **O homem e a gente**: “A circunstância[...] o aqui e agora, dentro dos quais estamos inexoravelmente inscritos e prisioneiros, - não nos impõe a cada instante uma única ação ou afazer, mas vários possíveis, e nos deixa cruelmente entregues a nossa iniciativa”.(ORTEGA Y GASSET,1973,p.82)

O mundo no qual cada um se encontra é feito de coisas agradáveis e desagradáveis, que podem se tornar desafios para construção da vida. Sabemos que o viver é encontrar-se num orbe cheio de outras coisas, objetos ou criaturas. “Toda vida é ocupar-se com o outro que não é ele mesmo, todo viver é conviver com a circunstância.” (ORTEGA Y GASSET, 1971, p.167). Para existir na circunstância em que se encontra, o homem precisa se esforçar para se sustentar dentro dela. Mas para dar esse passo, se faz necessário criar um sistema de convicções sobre o que é o seu contorno, para saber a que se ater e pôr-se de acordo consigo mesmo, ou seja, entrar em si mesmo, ficar só, ficar ensimesmado.

O homem que é si mesmo, que está ensimesmado, é o que não se solta das mãos, que não se deixa escapar e não tolera que seu ser se aliene, se converta em outro que não é ele. O contrário de ser si mesmo, da autenticidade, do estar sempre dentro de si é o estar fora de si, longe de si, no outro que nosso autêntico ser[...]pois bem, o contrário de ser si mesmo, é alterar-se, ser empurrado.(ORTEGA Y GASSET, 1971p.84)

Nosso filósofo lembra que o vocábulo castelhano ‘outro’ vem do latim *alter*. Daí que contrário de ser si mesmo, é alterar-se, ser empurrado. Podemos permitir que o nosso entorno ou a opinião dos outros nos arrastem e quando isso acontece, nos perdemos de nós mesmos, perdemos nossa autenticidade. Contudo o ser humano é capaz de se perder na existência com frequência, mas tem sempre a possibilidade de voltar a encontrar-se. O ensimesmamento auxilia o homem a voltar na qualidade de protagonista, volta com um si mesmo que antes não tinha, para modelar seu entorno segundo as preferências de sua intimidade. Experienciamos esses dois modos de vida que são a solidão e a sociedade ou o eu real, autêntico, e o eu irresponsável, social, o a *gente*.

Ortega y Gasset continua sua reflexão a respeito do assunto mostrando como, com certa frequência, a vida do homem se torna uma falsificação de si mesma. E isso pode acontecer porque temos medo de nossa vida que é solidão e fugimos dela, de sua autêntica realidade, do esforço que reclama e escamoteamos nosso autêntico ser pelo dos outros, pela sociedade.

Dando continuidade a nossa reflexão, no próximo capítulo veremos como a paixão de Ortega y Gasset pelo seu povo o levou a pensar na Educação.

Capítulo III

Ortega y Gasset Educador.

3.1 Ortega Idealista ou Objetivista

Alguns estudiosos situam o período intelectual de Ortega y Gasset como educador entre 1910 e 1911, quando elabora a primeira formulação sobre Educação. Sabemos que Ortega y Gasset atrai muitos leitores, pela qualidade literária de seus textos, diversidade de temas e sua coerência filosófica. Nesse trabalho, porém, nosso objetivo é procurar compreender um pouco mais outro aspecto de seu pensamento ainda pouco explorado: a dimensão pedagógica.

Sanchez (2002) afirma que toda obra de Ortega y Gasset se reveste de caráter pedagógico, embora nem sempre esse aspecto apareça de modo explícito em todos os textos. A argumentação de Ortega y Gasset é apaixonada, porém não deixa de ser rigorosa. Constata que existe uma realidade problemática: a Espanha que se encontra deficitária em relação ao que se entende por cultura. A conscientização dessa situação, o aprofundamento do diagnóstico o leva a vislumbrar a meta ideal: a transformação da realidade espanhola para alcançar as formas de cultura existentes na Europa. Nesse processo, Ortega y Gasset vê a importância da Educação.

A Educação para Ortega y Gasset não é meramente um tema. Suas preocupações e formas de intervenção pública revelam um aspecto pedagógico de que os escritos do autor são a prova mais objetiva ainda que não seja a única. Sua relação com o mundo da educação se verifica em diversas vertentes, mas essa pluralidade não representa uma dispersão; ao contrário, reforça os nexos respectivos originando um posicionamento unitário, responsável e íntegro. Desde cedo se fazia presente nesse pensador as ideias relativas a uma profunda mudança intelectual e moral que considerava a carência mais grave dos espanhóis. O confronto com a nação alemã que conheceu de perto, selou essa convicção.

Muitos intelectuais por diferentes caminhos buscavam a compreensão da decadência do país. É nesse período que surge e se desenvolve um movimento artístico, científico e filosófico que dará a Espanha um destaque mundial. Esse é um marco importante, na história espanhola, que começa a apreender melhor a realidade nacional e as questões intelectuais. Com esta geração de 1898, Ortega y Gasset procura fazer um diagnóstico para entender com mais clareza as causas do que ocorre na cultura, na educação e na política espanhola. Contudo, Ortega se diferencia dessa geração que voltava seu olhar para o passado, enfatizando a esperança, a ação, o compromisso com a transformação da realidade.

Suas viagens por diversos países da Europa contribuíram para sua formação filosófica, o deixaram entusiasmado com o desenvolvimento científico e técnico em curso. Admirou a tenacidade e disciplina alemã. Seu europeísmo nasceu, portanto, de uma atitude interessada e crítica para incorporar o que poderia ser incorporado sem perder, porém, ou sem renunciar às características hispânicas. O pensamento de Ortega y Gasset é focado no problema da Espanha e possui muito dinamismo na busca incessante de soluções, no nível de reflexão teórica e prática. Amoedo (2002) afirma que acompanhando os momentos mais importantes da vida de nosso autor, podemos perceber sua grande sensibilidade em relação aos problemas da Espanha pois com suas aptidões de meditação e conhecimento filosófico, conseguiu apresentar um projeto de intervenção inovador. Como sublinha Amoedo: “[...] desde muito jovem como o crítico da situação sócio-política e cultural do seu país que se auto exige apresentar, em contrapartida, um projeto de intervenção transformadora[...].” (AMOEDO, 2002, p.411)

Fica evidente em sua obra que a grande paixão de Ortega foi a educação do povo espanhol. Sua trajetória intelectual aparece sempre ligada a essa preocupação. Pode ser considerado um grande educador que, no nível nacional, buscou sempre a transformação de seu país. Conseguiu perceber que o problema da Espanha era um problema educacional. Empregou todos os recursos disponíveis para reverter essa situação. Para Ortega y Gasset a transformação da Espanha era concebida como processo de integração à cultura europeia. Desempenhou seu papel de educador tendo sempre presentes suas circunstâncias.

Sanchez (2010), lembra que em Marburgo, Ortega y Gasset entrou em contato com o neokantismo, uma filosofia da cultura, da ordem e dos valores; um racionalismo crítico transcendental, que analisava os produtos da cultura moderna, a arte, a ciência,

a ética, a política, para encontrar seus princípios de fundamentação e os critérios de sua validade. Além disso, o neokantismo apresentava uma pedagogia vigorosa, capaz de orientar o homem, e de transformá-lo segundo um ideal – o ideal kantiano de uma humanidade cosmopolita.

De acordo com a concepção neokantiana do homem como realidade cultural, o verdadeiro crescimento pessoal está na adaptação do homem aos ideais; no ajuste dos comportamentos às normas, ao que deve ser feito; essas normas tinham validade universal. Nessa concepção o biológico, os instintos devem se submeter ao ideal. A liberdade é reflexão e educação, ou seja, respeito ativo aos valores universais. Nesse período essa filosofia da cultura e da educação, que promove a busca do objetivo, do universal, do genérico, parece ao jovem Ortega y Gasset o sistema de pensamento capaz de orientar a solução do problema da Espanha. De seu contato com a Europa, de modo especial com o neokantismo alemão, nosso pensador adquiriu a convicção de que a salvação da Espanha, sua recuperação histórica residia em sua reforma cultural. Pertence a essa fase sua primeira formulação estruturada sobre educação: uma conferência realizada em Bilbao em 1910 – **A Pedagogia Social como Programa Político.**

É nessa ocasião que Ortega afirma que a Espanha não é uma nação porque não existe como comunidade regulada por leis objetivas, fundamentadas na racionalidade, aceitas por todos como expressão dos deveres coletivos. Seus cidadãos não aspiravam à realização dos ideais objetivos da Ciência, da Arte, da Moral. Esse reconhecimento da ausência de cultura como realização coletiva de formas ideais na vida espanhol foi considerado por nosso pensador, o primeiro passo para solucionar o problema da Espanha. Tem então como meta a transformação da realidade espanhola, procurando alcançar as formas de cultura existente na Europa. Para atingir esse objetivo vê a importância da educação.

Depois de realizar o diagnóstico, Ortega y Gasset continuou seu caminho reflexivo, observando o que os latinos chamavam *de eductio* ou educacio: a ação de extrair uma coisa da outra, converter uma coisa menos boa em outra melhor. Contudo ele não se detém em precisões terminológicas, mas propõe um conceito de educação que parece ter suas raízes na educacio e que, em nossos dias, é aceito em sua essência. Entende por educação um conjunto de ações humanas que procura fazer evoluir a realidade existente para um ideal.

O passo seguinte foi procurar determinar as duas funções da pedagogia como ciência da educação: 1) A determinação científica do ideal, da finalidade de educação; 2) encontrar os meios intelectuais, morais e estéticos, mediante os quais seja possível polarizar o educando na direção do ideal. Em sua reflexão vê que para realizar essa tarefa, tornava-se necessário responder à pergunta: Qual o ideal de homem que constitui o objetivo da educação, e o porquê da exigência do emprego de determinados meios? Essa é a indagação central de sua conferência.

Nosso autor não vê homem como mero organismo biológico. Este é apenas um pretexto para o homem existir. Ele é considerado humano enquanto produtor de fatos segundo formas ideais; enquanto produtor da matemática da arte, do direito. É humano enquanto produtor de cultura. Na busca do objetivo da educação, considera que o verdadeiro homem não é o ser individual, isolado dos outros. Segundo seu modo de pensar existe em cada homem um 'eu empírico', com seus amores, caprichos, e um 'eu que pensa a verdade' comum a todos, a bondade geral, a universal beleza, ou seja, distingue um 'eu empírico' de um 'eu criador de cultura', que é um eu genérico. Uma pessoa pode ser considerada verdadeiramente humana, na medida em que participa da ciência, da moral e de arte da comunidade. O ideal de homem, meta da educação, portanto, é aquele que é produtor de cultura com os outros.

Sendo assim, a educação deve se direcionar não ao 'eu' empírico, em que radica o singular, mas ao eu 'genérico', que sente, pensa e quer segundo as formas ideais. Como consequência desse raciocínio, a educação é entendida como processo pelo qual o biológico do homem se ajusta ao reino das formas ideais. Fica evidente que nessa fase, o pensamento educativo de Ortega y Gasset, influenciado pelos neo-kantianos, inclina-se para o lado da cultura. No entanto, o pensador em estudo além de ter uma forte personalidade intelectual, tem também interesses sócio políticos que não se compatibilizam com o formalismo de seus professores de Marburgo. Faz então a proposta de uma educação para o trabalho e pelo trabalho realizado em comum, com o objetivo de superar o individualismo e a falta de cooperação existente entre os espanhóis.

Para Mantovani, autor argentino, citado por Sanchez (2010) essa concepção de educação situa Ortega y Gasset entre os promotores da educação ativa. O fato de conferir ao homem uma visão histórica, faz com que posteriormente seu

pensamento, caminhe para uma concepção do homem como um ser que vai se fazendo, de modo concreto, em seu devir biográfico. Sanchez faz a seguinte consideração:

[...] “a preocupação fundamental de Ortega, para quem o problema da Espanha é primordial, é garantir a transformação cultural de sua sociedade e penso que ele concebe a pedagogia com a ciência dessa reconstrução social e cultural. E se lhe disserem que isso é política, Ortega responde: “A política tornou-se para nós pedagogia social, e o problema espanhol, um problema pedagógico” (SANCHEZ, 2010, p.23)

As reflexões feitas até aqui revelam uma filosofia da educação centrada na realização cultural do homem enquanto membro de uma sociedade. A ação política se reduz a uma ação cultural, a uma pedagogia social, pois é na cooperação e na comunicação que o ser humano realiza sua ação cultural. Nesse primeiro momento, Ortega y Gasset considera que a solução do problema da Espanha está em sua reforma cultural mediante a educação. A partir desse posicionamento que assume, com relação à transformação da Espanha, Ortega y Gasset chegará a outra etapa à convicção de que só haveria salvação para seu país, se este pudesse contar com suas energias e possibilidades, com sua situação histórica.

A partir de 1911, aumenta sua insatisfação em relação a essa concepção de homem como ser cultural. Em suas meditações, vai descobrindo que esse indivíduo é uma abstração, pois o idealismo esqueceu o homem real e concreto. Aponta para a necessidade de superar essa visão. É necessário voltar o olhar para o ser humano para que ele se revele em sua real radicalidade. Seu encontro com a fenomenologia, o levará a um novo itinerário intelectual. Nela viu a possibilidade de identificar os limites do idealismo.

3.2 Ortega Vitalista ou Perspectivista

Segundo alguns estudiosos, essa etapa se dá entre 1911-1930 e nela a palavra-chave é vida. Nesse segundo momento, Ortega y Gasset volta os olhos para o ser humano concreto e revela que o ser do homem consiste em viver. A vida, portanto, é a realidade radical da qual se deve partir e com a qual se deve contar. Isso o impede de considerar a cultura como esfera autônoma e independente. Na tensão vida-cultura, esta última perde a primazia que havia adquirido na fase idealista, e

passa a ser considerada como manifestação da vida. Cultura passa a ter o significado de vida em sua plenitude.

Importante considerar que se cultura significa viver plenamente, então a vida, deve ser considerada como o princípio da cultura. Aprofundando sua reflexão Ortega y Gasset caminha para interpretação da vida como criatividade. Essa mudança de direção em sua filosofia, do idealismo para o vitalismo, se deve às suas leituras filosóficas e sua reflexão sobre a situação espanhola. Percebe que para salvar a Espanha, é necessário contar com as energias nela existentes. Voltando os olhos para seu país percebe que as suas características e peculiaridades estão na afirmação da vida imediata e elementar. Nessa fase escreve o ensaio **Biologia e Pedagogia**, no qual expõe suas ideias sobre educação.

A concepção teleológica de ação que havia assumido na etapa idealista o leva a interrogar-se sobre a natureza da finalidade da educação. Parte do princípio de que é necessário educar para a vida. Mas qual é a vida essencial com a qual a educação deve se ocupar? Considera então que a vida em seu sentido mais radical, é a vida elementar, espontânea. É a vida como força criadora, como substrato biológico do qual procedem os impulsos e energias que levam o ser humano a ação. Conclui que é a essa vida que se faz necessário estar atento, prioritariamente na educação das crianças. Destaca que posteriormente, nos níveis superiores, se poderá ter em vista a civilização e a cultura.

Para fundamentar seu pensamento, lança mão de alguns argumentos. O primeiro é que nos organismos biológicos algumas funções são mais vitais que outras. As mais radicalmente vitais são as não especializadas, as não mecânicas, e por isso representam a vida genuinamente. Por sua falta de especialização podem dar respostas a situações diversas e plurais. Podem resolver situações das mais variadas tipologias. O segundo argumento é que a vida original, radical, é realmente a criadora de cultura. Sublinha então que se se deseja ter uma cultura dinâmica, que reflita a plenitude humana, se faz necessário uma centralização no estudo, na análise e potencialização da vitalidade primária, que pela explosão de si vai gerar novas formas de cultura.

Nesse ponto, o filósofo em estudo, mostra que a pedagogia deve procurar os meios para intensificar a vida, e a educação consiste em aplicá-los.¹¹ Não é necessário deixar a criança se desenvolver totalmente livre, a exemplo dos processos da natureza. As ações educativas devem ser intencionais, reflexivas e perseguir uma meta: cooperar tecnicamente para a maximização do potencial vital mais profundo da criança. De acordo com esse modo de pensar, é necessário, orientar a educação para a apropriação da vida e não para a aquisição de formas culturais.

Enfatiza que para que isso ocorra, é necessário reforçar algumas funções espontâneas como a coragem, a curiosidade, o amor, o ódio, a agilidade intelectual, o desejo de ser feliz e vencer, a confiança em si e no mundo, a imaginação, a memória. Nessa fase houve uma revisão da importância que atribuía à cultura como princípio e sentido da vida humana, e a cultura passa então a ser considerada uma função da vida. É a vida que lhe confere valor. Rompe-se então nessa fase, o equilíbrio vida-cultura em favor da vida. Mas a postura definitiva de Ortega y Gasset acontece por volta de 1930 quando busca um equilíbrio maior entre vida e cultura.

3.3 Pedagogia da Maturidade – Missão da Universidade

Nesta fase manifestada a partir de 1930, Ortega y Gasset procura equilibrar os elementos que pareciam antagônicos anteriormente: A cultura e a vida. Segundo Sanchez (2010), no artigo intitulado **Um Rasgo de la Vida Alemana** (1906,p.190-203) apesar de afirmar que o ser humano é capaz de se tornar o que deseja ser, Ortega y Gasset aponta uma limitação de tal possibilidade: o contexto cultural e social concreto. Isso acontece porque embora a dimensão cultural possa ser a que permite ao ser humano transcender suas possibilidades existenciais, também o cerceia, pois todos ao nascer já encontram um universo cultural construído por outros. Expressa então a necessidade do ser humano se posicionar diante dessa ambiguidade da cultura a partir de duas ações, a atitude crítica e posteriormente, a de transcendência a ela, isto é, ultrapassar os limites e possibilidades impostas pelo momento histórico.

¹¹ Nesse aspecto o pensamento de Ortega y Gasset se diferencia do naturalismo de Rousseau.

Amoedo (2002) afirma que antes do artigo **Uma Festa de paz** (1909) escrito por ocasião do quinto centenário da Universidade de Leipzig, Ortega y Gasset já havia publicado em 1906 um outro subdividido em seis partes, sobre **A Universidade Espanhola e a Universidade Alemã**. O objetivo deste era comparar as universidades que conhecia, uma enquanto estudante pré-licenciado, outra como estudante estrangeiro, já licenciado em Filosofia e Letras, mas ainda sedento de muitas e diferentes aprendizagens. O extenso artigo publicado pelo jornal **El Imparcial** embora em ordem temporal incorreta de suas partes, tem por introdução uma referência ao descrédito manifestado pelos espanhóis em geral, relativamente à Educação, bem como a solução científica de seus problemas. Essa atitude é explicada pelo fato de a educação acarretar uma ideia de devir, de preparação para algo não atual, de mudança que se vai realizando. Por esse motivo e porque a educação exige reflexão, as ideias de aperfeiçoamento e de transformação de um indivíduo, ou de um povo, parecem a Ortega y Gasset antiespanholas.

Quando aparece a alusão específica às Universidades, percebe-se que a alemã se caracteriza como resultado positivo de muito estudo e trabalho pedagógico em contraste com a espanhola, pobre em pensamento e impermeável a todas as novidades educativas, especialmente no plano de ensino. A imutabilidade da maior parte dos professores na Universidade espanhola aparece no mesmo nível dos agricultores, resistentes aos avanços da Agronomia e, nesse pano de fundo, o catedrático se destaca como uma espécie de Sancho Pança, como um ser acomodado, para quem é exclusiva preocupação falar da importância de sua disciplina. Destaca, porém, que a responsabilidade da situação, não cabe somente aos professores e aponta para a necessidade de uma mudança profunda na concepção dos fins da Universidade. Surge então a pergunta: O que deve ser a Universidade? Sua reflexão mostra que para responder a essa questão a Espanha precisava digerir à sua maneira o que havia em outras sociedades e lhe fazia falta; ou seja, havia a necessidade de espanholizar o europeu e tomar consciência de que a Universidade é o instrumento privilegiado para a mudança do rumo histórico.

No final da década de 1920 a ditadura de Primo da Riviera caminhava para o final e a sociedade espanhola desejava a democracia, reforma do Estado Espanhol e de suas Instituições. A reforma educacional era urgente. Como parte do processo de renovação da sociedade espanhola, Ortega y Gasset atribuiu grande relevância à

reforma universitária. Esta não significava apenas uma reforma para responder aos problemas da Espanha saindo da ditadura, mas resposta a uma crise mais ampla, que atingia a Europa e o Ocidente. O filósofo sabia que sua proposta possuía uma concepção filosófica de homem e de vida, que encaminhava o funcionamento da Universidade e explicitou isso em seus estudos. Na busca de sentido para a sociedade em que vivia, Ortega se encontrou com o homem inculto e despreparado para enfrentar os problemas de seu tempo que, em seu livro **A Rebelião das Massas**, denominou de novo bárbaro. Procurou mostrar que para vencer essa crise de civilização era necessário a superação desse tipo de homem que emergia na história e que isso se faria renovando o processo cultural e a educação.

Convidado em 1930 pela **Federación Universitaria Escolar** para proferir uma Conferência sobre a reforma da Universidade, Ortega y Gasset aproveitou a oportunidade para ampliar o debate a respeito do assunto. Houve a participação de muitos intelectuais. A vicissitude desta Instituição na Espanha afirma Moedo (2002), ao longo do período da ditadura de Primo de Rivera e, em particular nos seus últimos anos, reavivaram os debates em torno das potencialidades da Universidade na renovação do homem e da sociedade.

Nosso pensador revela a esperança de que um Ensino Superior talhado segundo um novo espírito, pudesse se tornar o motor de inúmeras transformações no país. Nas discussões durante o evento citado, se sublinhou a relevância da função da Universidade. Questionou-se a redução das Universidades a *fábricas de advogados, médicos, farmacêuticos ou catedráticos*. Foi proposto a fidelidade à ideia de Centro de alta cultura em que alunos e professores, com liberdade plena, pudessem se dedicar especialmente às Ciências, às Letras e às Artes. Nesse mesmo ano Ortega escreve dois importantes livros: **A Rebelião das Massas** e **Missão da Universidade**.

Na obra **A Rebelião das Massas**, (2007) o filósofo concluiu que o fenômeno que marcava seu tempo, a inautenticidade da vida, não era exclusivamente espanhol, como acreditara em décadas anteriores. Seus comentaristas associam a preocupação pedagógica de Ortega y Gasset com o eixo nuclear de sua Filosofia. Refletem então, que o programa educacional exposto em **Missão da Universidade**, estão em consonância com as exigências de vida autêntica, tema central da ontologia do filósofo. É possível afirmar que a Universidade deve promover a vida autêntica.

Para vencer a crise da civilização da primeira metade do século XX, era necessário superar o tipo de homem que existia e só seria possível fazer isso com uma mudança cultural originada na reforma educacional. Ortega y Gasset propõe a superação com um programa educacional. Para fazer esse caminho, no entanto, era necessário ter clareza a respeito de quem era o homem que perdera o compromisso com a autenticidade.

Missão da Universidade (1930), é uma obra sobre a Universidade e seu papel social no século XX. O livro faz em primeiro lugar um diagnóstico da universidade espanhola e constata que esta é um centro de ensino superior, onde os filhos das famílias com boa posição financeira são preparados para exercer profissões intelectuais. Ortega y Gasset critica essa universidade que não recebe todos que deveriam chegar ao ensino superior. Critica seu limitado critério de pesquisa. Critica, sobretudo, o modo como essa universidade abandonou o ensino da cultura, ou seja, uma instituição que não ensina a viver de acordo com as ideias mais avançadas de seu tempo.

Procurando responder a questão em relação à missão da Universidade, Ortega y Gasset afirma que a mesma deve: transmitir a cultura, ensinar as profissões, realizar a pesquisa científica e formar novos pesquisadores. Sublinha ainda, que o princípio regulador do ensino universitário deve ser o “princípio da economia”. Se a pedagogia e as atividades docentes se tornaram uma profissão necessária a partir do século XVIII, foi graças ao grande desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da cultura.

Na atualidade, para viver bem, com segurança, o homem precisa aprender uma quantidade imensa de coisas, tem muitas informações e, ao mesmo tempo, possui sua capacidade individual para aprender limitada. A pedagogia e o ensino têm como razão de ser a necessidade de selecionar o que é fundamental na aprendizagem e facilitá-la. O ponto de partida deve ser sempre o estudante com sua capacidade de aprender.

Para qualificar o processo de ensino e valorizar o rigor da ciência, Ortega y Gasset aponta para as duas vertentes da Universidade: a profissionalização e a pesquisa. Ainda que sua proposta pedagógica não possa ser concebida como um sistema pedagógico, esta seria, segundo Sanchez (2010) sua última etapa intelectual,

pois a partir de 1936 ele se exiliou voluntariamente na América e na Europa, devido à Guerra Civil Espanhola.

Os confrontos com realidades extranacionais que auxiliaram e levaram a Espanha a discutir os problemas universitários, funcionaram como elemento catalisador da atenção dos intelectuais empenhados em fazer frutificar pela educação a renovação da pátria. Ao abordar estas questões Ortega y Gasset se distingue dos outros pelo fato de ter presente as posições principais assumidas a esse respeito anteriormente, sobretudo durante o século XIX e início do XX, e poder unir, ou contrapor a essas posições, graças a uma concepção pessoal filosófica da Vida e do Homem, outras teses capazes de sustentar uma proposta de reforma universitária desejável e possível de ser realizada. Baseado em sua doutrina da autenticidade da vida, nosso pensador se opõe às propostas que desejavam imitar as universidades de outros países, consideradas exemplares, como as da Inglaterra e da Alemanha.

Ao percorrer o caminho desse texto, seguindo alguns dos passos de José Ortega y Gasset (1883-1955) vimos como ele refletiu sobre a realidade educacional de seu país. Constatamos a atualidade de seu pensamento, e o quanto ele pode nos ajudar a continuar a repensar a Educação e o papel da Universidade e do educador. Fica para nós o desafio de continuar a repensar a Educação de acordo com a realidade em que vivemos.

Considerações Finais:

Sabemos que desde os primeiros filósofos já havia preocupação com o processo de formação político-sócio-cultural dos indivíduos. Destacam-se as preocupações de Platão e Aristóteles. O primeiro pensava no espaço educacional como emancipação da alma humana, quer dizer, uma espécie de elevação da mesma a um estágio de perfeição. O segundo, Aristóteles, menos idealista, propunha, como atividade educativa, adequação do comportamento dos indivíduos aos anseios gloriosos da *polis*. Certamente em tempos antigos, a educação já apontava para o princípio da humanização. A sociedade mudou e também os rumos da educação. No passado a educação era símbolo de socialização e convívio na *polis*, na sociedade contemporânea se vê diante de novos e muitos desafios. Para refletir sobre esta questão escolhemos o filósofo espanhol contemporâneo Ortega y Gasset.

É grande a amplitude da influência de seu pensamento nos diversos âmbitos sociais, tal como o acadêmico, no qual é considerado a personalidade mais influente da filosofia espanhola no século XX; no âmbito pedagógico, atraiu discípulos como Julián Marias, Marias de Maeztu, e no extra universitário com a fundação da **Revista do Ocidente**. Consideramos importante enfatizar sua influência nos países do Cone Sul – Argentina, Chile, Uruguai onde encontra uma comunidade que compartilha de seus mesmos valores e modos de sentir além de encontrar vários membros da Escola de Madri exilados por ocasião da Guerra Civil. Em Porto Rico, sua influência parece maior, pois a Universidade colocou em prática alguns dos princípios e ideias apontados em sua obra.

Sua influência não se limitou aos professores e alunos, que o tinham como mestre do tempo de esplendor da filosofia incorporada pela Escola de Madri. Estendeu-se a outras personalidades da filosofia e da cultura espanholas do pós-guerra, o que permite afirmar que sua filosofia pertence à tradição cultural espanhola. Ele é um filósofo e político que pode nos auxiliar na compreensão da realidade educacional brasileira. Para tanto, faz-se premente articular um olhar acurado para ao seu arcabouço político-pedagógico à luz de uma leitura filosófica.

Diante do que foi refletido nesse trabalho, é possível constatar que Ortega y Gasset tinha duas fortes motivações, ao propor um novo modo de pensar para a Espanha e, conseqüentemente, ao propor também um novo modo de fazer pedagógico: a transformação da realidade sociocultural da Espanha e a convicção de ter por vocação reformar a nova sociedade e o novo homem espanhol. Não podemos esquecer que em 1930 foram lançados dois livros importantes de Ortega para o tema em estudo: **A Rebelião das massas** e **Missão da Universidade**. Com estes dois livros fica mais clara a intenção do filósofo de enfrentar a crise de seu tempo, com a reforma da Universidade.

Em **A Rebelião das massas** podemos encontrar a caracterização da homem massa. Uma de suas características é a acentuada especialização de sua educação, fato decorrente da especialização promovida pela ciência moderna. Esse tipo de especialização faz surgir na História um homem que conhece muito sobre mínimas regiões do Universo, mas nada do restante. Isso evidencia mais a ignorância que o conhecimento. Não se trata, portanto, de recusar o conhecimento da ciência e a especialização que ela exige, mas o tipo de especialização que surgiu com a formação universitária insuficiente. Essa crítica é importante porque a organização universitária é imprescindível no mundo atual, ao mesmo tempo em que cresce a importância da ciência.

Quando se aproxima **Missão de Universidade** da crise de cultura, identificada em **Rebelião das Massas**, se compreende melhor a preocupação do autor de submeter a produção e transmissão do conhecimento aos desafios da vida autêntica. Seu tema de investigação responde a um problema da geração de Ortega: como a Universidade contribui para a formação do homem e de seu papel na sociedade.

As duas obras associam a preocupação pedagógica do filósofo com o eixo nuclear de sua filosofia, que é o fato da vida de cada um ser única e cada um precisar lutar para a construção da mesma em busca da autenticidade. O programa educacional exposto em **Missão da Universidade**, não contradiz a exigência de vida autêntica, tema central da ontologia de Ortega, construída desde as primeiras obras. Para ele a Universidade deve promover a autenticidade. Para vencer a crise civilizatória da primeira metade do século XX, era necessário a superação do tipo de homem que então existia: homem massa. Isso só poderia acontecer com uma mudança cultural, com um programa educacional. A vida autêntica só poderá ser

recuperada por uma nova geração de estudantes que entre outras coisas, entenda os limites da ciência e aprofunde o sentido da verdade da ciência. Somente o homem culto poderá responder aos desafios de seu tempo. Para combater a incultura que surgiu com o homem massa, torna-se necessário fazer a distinção entre formação cultural e preparo profissional. Quando a Universidade perde o propósito de formar o homem culto, deixa de ser essencialmente o que ela é e se torna inautêntica, como o próprio homem massa.

Um dos problemas da sociedade moderna apontados por Ortega y Gasset em seu texto, **Missão de Universidade** é o fato de a educação ter como objetivo a formação para o mercado de trabalho, ou seja, a formação do homem dinâmico que consegue se adequar às necessidades do mercado, a formação técnica. A educação deve preparar o sujeito para o mercado, para uma adaptação ao mundo circunstancial, como afirma o próprio Ortega y Gasset em **Rebelião das massas** (1987); mas uma formação exclusivista para o mercado de trabalho é uma visão estreita, unilateral e mecanicista, a vida é mais do que mercado de trabalho; a vida é religião, é moral, é política, é poesia, a vida é um drama existencial e, em decorrência disso, segundo esse autor, a meta da educação deve estar além da formação do aspecto técnico.

Educar, de acordo com Ortega y Gasset (1987), é mais do que formar para um fim específico. Educar é criar condições para que o indivíduo se reconheça e conheça o mundo circunstancial em que se encontra para agir e reagir conscientemente.

Em **Meditações de Quixote**, publicada em 1914, o autor faz referência à simultaneidade entre homem e circunstância, ou seja, a condição do homem se encontra imbricada com a sua realidade, mas adverte que não é a circunstância que determina o caráter do homem; pelo contrário, a configuração de um homem salutar é oriunda da reflexão e ação em torno da circunstância. Margarida Amoedo (2002), observa que praticamente todos os autores que estudam o pensador espanhol concedem, de uma ou de outra maneira, ao tema da circunstância um lugar de relevo que se deve a uma razão ainda mais profunda do que em muitos deles se explicita. É muito comum que leitores não especializados tomem a conceituação de *circunstância* como algo bastante simples. Essa temática, porém, é, para os estudiosos, imprescindível para compreensão de boa parte da teorização política do filósofo

espanhol, ou seja, a conceituação de circunstância está imbricada com a concepção de política, especialmente com relação à tipologia de homem.

Educar é capacitar o homem com palavras e procedimentos éticos para lidar com as adversidades, com as paixões e com tudo que acomete o transcorrer da vida. Esta é, desde os gregos antigos aos dias atuais, a tarefa laboriosa da educação – servir como instrumento para melhorar a vida e sua finitude circunstancial.

Para alguns, Ortega y Gasset pode até não se configurar como um renomado teórico da educação, mas o seu pensamento educacional esboça um caráter universalista e promove uma compreensão salutar para qualquer debate político-pedagógico. Não é sem razão que ele representa um expoente nas discussões de educação e política da Espanha e Europa.

Estamos de acordo com Margarida Amoedo (2002) que afirma que antes e depois de **Missão da Universidade**, de forma concentrada ou dispersa algumas vezes, Ortega y Gasset nos oferece muitos elementos para um programa educacional, que transcende não apenas certo nível de ensino ou instituição, mas o Ensino. Suas orientações justificam-se sempre num plano mais geral, e mais profundo. A meditação filosófica e com ela as reflexões a respeito da conceituação de vida, integram esse plano de fundamentos da Educação. Daí a necessidade de fazer grande esforço, ou pesquisa, para discernir na imensa obra de Ortega y Gasset os materiais especificamente pedagógicos, quando toda ela está impregnada de finalidades educativas. Elaborada como resposta aos problemas vitais, ela surge em cada texto como reflexão sobre o aperfeiçoamento imprescindível para que o ser humano os enfrente.

No prólogo elaborado para edição de suas obras, em 1932, há o registro do filósofo afirmando que as escrevera com o objetivo de fomentar em seus leitores a *porosidade em relação ao próximo*. Encontramos aqui uma concepção pedagógica. Aponta para a importância de nos confrontarmos com o *outro*. A falta de porosidade em relação ao outro resulta da deficiente capacidade de ir além da perspectiva básica da vida, segundo a qual o mundo é um horizonte tendo por centro um *eu*. Faz na mesma obra, como já fez em outras, a distinção entre coisa e pessoa. Ele coloca o problema da construção da pessoa num plano bem originário, uma vez que aponta para a atitude que deve ser adotada antes de aplicar e mesmo de discutir auxílios

educativos concretos à personalização. O princípio do respeito pela pessoa do educando, torna-se claro, uma vez que a categoria de pessoa, usado pelo filósofo, estabelece por si só a obrigação de *transmigrar ao Outro*.

Esta concepção derruba os preconceitos de unilateralidade que ainda persistem quando se fala em processo de *ensino-aprendizagem* ou em relação ao *educador-educando*. Cada um dos polos ligados pelo hífen pode ter por sujeito o mesmo indivíduo: quem ensina também aprende e quem é educador é também educando. E no que se refere à construção da pessoa, quem desempenha o papel de formador precisa previamente aprender, entre outras coisas, situar-se em relação ao outro, o que implica sair de si e tomar-se a si próprio a partir do Outro.

No jornalismo, na docência, como conferencista, como filósofo, Ortega y Gasset mostrou que pautava sua vida por esse preceito de *porosidade* que obriga cada ser humano a uma ida ao Outro, para poder conhecê-lo em sua perspectiva e poder conhecer-se a si mesmo no lugar que tem nessa perspectiva do Outro.

Podemos constatar a atualidade de Ortega y Gasset, e o quanto seu pensamento pode nos ajudar a continuar a repensar a Educação e o papel da Universidade e do educador. A pesquisa não termina aqui. Desejamos que outros pesquisadores continuem as buscas aqui iniciadas e façam novas descobertas sobre as reflexões e propostas deste importante pensador.

REFERÊNCIAS

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. **Ortega y Gasset: a ventura filosófica da educação**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

BOLING, Dave. **Guernica**. A saga de uma família em meio à guerra civil espanhola. São Paulo: Brumo, 2009.

CARVALHO, J. M. de. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v.43, n.2, p.331-345, out., 2009.

_____. **Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset**. Londrina: Edições Cefil, 2002.

CARRASCO, Alejandro Martínez. **Náufragos hacia si mismos**. La filosofía de Ortega y Gasset. España: Ediciones Universidad de Navarra, S. A. Pamplona, 2011.

CASAGRANDE, Lino. **Vida e razão: a crítica de Ortega y Gasset à filosofia contemporânea**. Porto Alegre: Educs, 2002.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DANTAS, Maria Luzia. **Caminho e Círculo no pensamento de Martin Heidegger**. CCTA: Lorena, 2006.

DOMINGUEZ. P.J.Chamizo. **Ortega y la cultura espanhola**. Madrid: Ediciones Pedagógicas, 2002.

FEINMANN, José Pablo. **A sombra de Heidegger**. Tradução Mario Vilela. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

FERNANDEZ GONZALEZ, Leopoldo de Jesus. **A gratuidade na ética de Ortega y Gasset**. São Paulo: Annablume, 2009.

GARCIA, Lorca, Federico. **A casa de Bernarda Alba: drama de mulheres em vilarejo da Espanha**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **El ser y tiempo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. **Ortega y Gasset – A aventura da razão**. São Paulo: Moderna, 1994.

LUCKESI, CIPRIANO Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARÍAS, Julián **La filosofía española actual**: Unamuno, Ortega, Morente, Zubiri. . 2. ed. Espanha: Espase Calpe, 1943.

_____ **Acerca de Ortega**. Espanha: Espase Calpe, 1991.

_____ **Ortega, circunstancia y vocación**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

_____ **História da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEDINA, LASAGA J. **José Ortega y Gasset (1883-1955)** Vida y filosofía. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S.L., 2003.

MORA, Ferrater J. **Ensaio introdutório de Origem e Epílogo de Filosofia**. Rio de Janeiro: Livro Americano. 1963.

MORENTE Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

PARIS, Carlos. **O animal cultural**: Biologia e cultura na realidade humana. Tradução Marli de Almeida Gomes Viana. São Carlos: EdUFScar, 2002.

ORTEGA Y GASSET, J. **Que es filosofía?** Obras Completas. Madrid: Taurus, 2010.

_____ **Que é filosofia?** Tradução Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1971.

_____ **En Respuesta a una pregunta**. Obras completas. Madrid: Taurus, 2012.

_____ **Meditaciones del Quijote**. Obras completas. Madrid: Taurus, 2012.

_____ **Meditações do Quixote**. Tradução: Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero Americano Ltda, 1967.

_____ **Em torno a Galileu – Esquema das crises**. Tradução: Luiz Felipe Alves Esteves. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____ **Principios de Metafísica según la Razón Vital**: Obras completas. Madrid: Taurus, 2006. (Lecciones del curso 1935-1936.).

_____ **El Espectador**, Verdad y Perspectiva. Obras Completas. Madrid: Taurus, 2010.

_____ **El Espectador III**, De Madrid a Asturias o los dos paisajes. Obras Completas. Madrid: Taurus, 2010.

_____ **Unas lecciones de Metafísica**. Obras Completas. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

_____ **El espectador IV Temas de viaje**. Obras completas Madrid: Taurus, 2010.

_____ **Adão no Paraíso e outros ensaios de estética**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **Adán en el Paraíso:** Obras completas. Madrid:Taurus, 2010.

_____ **Meditación de la técnica.** Obras completas. Madrid: Taurus, 2010.

_____ **Meditação sobre a técnica.** Prólogo, tradução e notas Margarida Isaura A. Amoedo. Lisboa: Fim de Século, 2009.

POZZO GUTIÉRREZ. Antonio. Desrealización y diferencia: conceptos fundamentales de la estética de Ortega y Gasset. **Revista de Filosofía Aurora.** Curitiba, v. 24, n.35, p.615-638. Julho/dez. 2012.

SANTIAGO, Charles Antonio. Educação e Filosofia: Perspectivas e mudanças à luz de Ortega y Gasset. Seminário de pesquisa em educação da região sul. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. **IX ANPEDSUL 2012**

SARTRE, Jean-Paul **O ser e o nada.** Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANCHEZ, JUAN Escamez. **Ortega y Gasset.** Tradução de José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Mantiqueira, 2010.(Coleção Educadores MEC) Disponível em www.dominiopublico.com.br. Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

VALVERDE. Antonio José. Romero. Apontamentos sobre o krausismo espanhol e notas acerca da filosofia de Krause, incluindo suas ramificações no Brasil. **Revista Filosofia.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Champagnat, 1999.

